

Revista do Café



Centro do Comércio de Café do Rio de Janeiro

Ano 92 - Março 2013 - Nº 845



**Semana Internacional do Café em BH,
de 09 a 13 de setembro de 2013**

Mercado mundial do café adapta-se às novas tendências de consumo

Nos últimos tempos, o mercado mundial de café passou a exibir uma nova conformação. Isso por conta dos fatos econômicos decorrentes da instalação da crise de setembro de 2008 nos principais centros consumidores de café – União Européia, Estados Unidos e Japão -, e também da incorporação ao comércio e ao consumo global de café, não simultânea, de outras nações até então pouco representativas no contexto mundial desse setor da economia cafeeira. Esses mercados, denominados como emergentes, formaram-se, de um lado, pelos países importadores que se iniciaram e ganharam expressão no grupo de consumidores da bebida e, de outro, pelos países produtores de café que expandiram recentemente, de forma significativa, o consumo interno do produto.

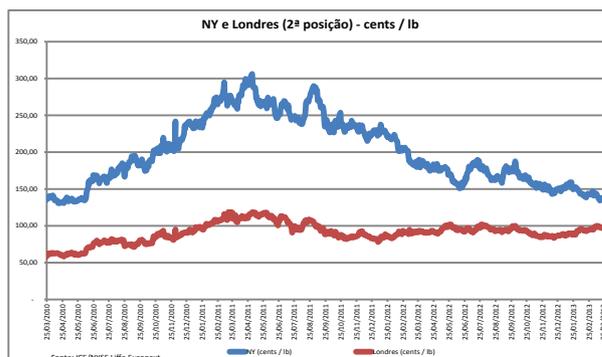
Em diferentes proporções e intensidade, esses dois fatores – crise econômica com repercussões no consumo de café e a formação de um mercado mundial mais amplo e com hábitos diferentes – exerceram efeitos sobre os preços das variedades e, principalmente, sobre a composição qualitativa do suprimento a partir dos países produtores. Isso fez com que fossem criados novos conceitos de avaliação mercadológica que, nem sempre percebidos adequadamente, acabaram gerando, em muitos casos, conclusões equivocadas.

O fato incontestável é que, em 2012, consolidou-se um novo mercado mundial de café, com três segmentações muito claras e distintas entre si. A primeira delas compõe-se dos países importadores tradicionais (EUA, União Européia e Japão), com uma dimensão entre 70 a 72 milhões de sacas, crescimento de 1% ao ano, e que parece manter uma relação qualitativa de cerca de 60% de cafés arábicas e 40% de robustas. A segunda é formada pelos países importadores emergentes (Federação Russa, Austrália, Coréia do Sul, Ucrânia, Romênia, Turquia, Argélia e África do Sul), com um tamanho estimado entre 26 e 27 milhões de sacas, taxas de crescimento entre 1,8% e 2,3% e um perfil qualitativo no qual o café solúvel tem participação importante, com uso de 60% de robusta e de 40% de arábica. Por fim, a terceira e última segmentação abrange as nações produtoras, com 44 milhões de sacas (sendo 32 milhões originárias de produções próprias e 12 milhões de importações), crescimento entre 3% e 3,5% e uso de 30% de cafés arábicas e 70% de robustas.

Obviamente, esses números não são estáticos e decorrem dos fatores econômicos e de suprimento já referidos e, por certo, têm uma dinâmica própria. Porém, com base nas estatísticas disponíveis da OIC, esses dados parecem estar muito próximos da realidade.

É relevante notar, por exemplo, que os números da exportação mundial do ano de 2012, divulgados pela OIC (tabela ao lado), apontaram um volume de 113 milhões de sacas, contra 104 milhões em 2011. Portanto, nove milhões de sacas a mais, exatamente o mesmo volume do aumento verificado nas exportações dos cafés robustas, o que foi entendido por muitos como um indicativo de que há um forte processo de substituição de cafés arábicas por robustas nos mercados tradicionais – EUA, União Européia e Japão. É curioso observar que o desempenho dos preços (tabela ao lado) não respalda esta tese, já que as cotações dos cafés robustas, que tiveram crescimento elevado da oferta, permaneceram estáveis – com alguma alta (6%) ao longo do ano. Ao mesmo tempo, os preços do arábica, com redução de meio milhão de sacas no suprimento, mostraram quedas continuadas durante o ano, ao redor de 36%. Além disso, a tese apresenta-se também inconsistente em face do comportamento da arbitragem entre as Bolsas de Nova York e Londres. No curso de 2012, notadamente a partir do mês de maio, verificou-se um estreitamento contínuo do diferencial, não sendo crível um processo intenso de substituição nesse cenário.

Outro aspecto a considerar é a expansão do consumo interno em países produtores – com taxas médias ao redor de 3,5% ao ano -, projetando um consumo global próximo a 44 milhões de sacas em 2012. Percebe-se, ainda, que muitos, equivocadamente, entendem que o crescimento do consumo nos países produtores venha sendo suprido somente com as suas próprias produções. Não é correto. Talvez o Brasil, considerando apenas aqueles países



produtores que têm um consumo mais expressivo, seja o único que atende às suas necessidades internas com a própria produção (com exceção da importação de pequenos volumes de cafés industrializados – o equivalente a 41 mil sacas no ano).

Assim, segundo os dados da OIC, excluído o Brasil, cerca de 45% do café consumido nos diversos países produtores provém de importações feitas junto a outros países produtores, além de outros 5% de cafés industrializados (solúvel), manufaturados em países importadores. A Organização informa que, em 2012, as exportações de café de países produtores para outros países produtores atingiu 10,174 milhões de sacas. Apenas o Vietnã e a Indonésia exportaram 6,6 milhões de sacas (robusta) a outros produtores. A Colômbia, por exemplo, importou 1,1 milhão de sacas de outros produtores, com predominância do robusta.

Esses números confirmam que o crescimento do consumo nos países produtores está fortemente apoiado no café robusta, seja como matéria-prima da indústria do solúvel, seja na formação de blends com os cafés arábicas. O consumo interno da Colômbia, segundo os dados disponíveis, tem uma participação de 70% de café solúvel, ou seja, de cafés robustas.

Essa preferência pelo robusta/solúvel explica a modesta participação do Brasil no mercado de países produtores. Enquanto tem um market share de 28% nos mercados tradicionais, em 2012 o Brasil supriu apenas 9% das compras desses países, ou seja, 945 mil sacas (403 mil sacas de arábica, 243 mil de conilon e 299 mil de solúvel), e essa situação tende a persistir no médio prazo.

Analisando esses números, parece muito provável que o grande volume das exportações mundiais de café robusta em 2012, na sua maioria, destinou-se a outros países produtores para abastecimento de seus mercados internos e como matéria - prima de suas indústrias de café solúvel, instaladas recentemente, nos casos de Índia e Vietnã.

Assim, o fluxo de cafés robustas para os mercados tradicionais parece não ter sido elevado e muito superior aos volumes normalmente embarcados, o que não caracterizaria um cenário de substituição qualitativa. Naturalmente, não se afasta a possibilidade de ocorrer, na

EXPORTAÇÕES MUNDIAIS DE CAFÉ		
sacas 60Kg		
	2012	2011
TOTAL	113.143.788	104.577.353
Suares Colombianos	8.279.705	8.773.492
<i>Colômbia</i>	7.168.913	7.733.365
Outros Suares	27.420.565	26.051.536
<i>Honduras</i>	5.507.985	3.947.141
Naturais Brasileiros	30.827.448	32.217.942
<i>Brasil Arábica</i>	25.499.138	29.154.677
Robustas	46.616.071	37.534.383
<i>Vietnã</i>	25.475.000	17.675.000
<i>Indonésia</i>	10.627.654	6.158.795

Fonte: OIC

persistência da atual situação econômica em alguns países desse bloco, o eventual aumento do downgrading, ou seja, a busca pelo consumidor de opções de marcas mais baratas.

Desse modo, fica a impressão de que a substituição de café arábica por robusta manifestou-se com mais nitidez exatamente no Brasil. Estimativas de fontes confiáveis sinalizam no sentido de que, nos últimos quatro ou cinco anos, o conilon gradualmente tornou-se predominante no blend interno, abocanhando uma parcela entre 15% e 20% do café arábica, o que representa algo próximo de três a quatro milhões de sacas anuais.

Exatamente por conta da importância desse novo cenário no mercado mundial, o assunto será colocado em discussão em breve pelo CECAFÉ. No próximo dia 28 de maio, nosso encontro internacional do 5º Forum & Coffee Dinner terá como tema principal de debates “Como as atuais tendências do consumo irão afetar o suprimento futuro”. Esperamos que, mais uma vez, os resultados desse evento sejam elucidativos e frutíferos para nosso setor, contribuindo para corrigir visões de abundância da oferta ou substituições de qualidade maciças nos mercados tradicionais.



Arquivo CeCafé

Guilherme Braga Abreu Pires Filho
é Diretor Geral do CeCafé e
Presidente do CCCRJ



Prateleiras de café num supermercado em Chelsea, Manhattan, NY

6

In Coffee We Trust!

O papel do café na cultura norte-americana

Fazia muito frio em Boston. Reunidos num café chamado The Green Dragon, um grupo de homens discutiam, aos berros, a grave crise política no país. Astutos parlamentares ingleses tinham arquitetado um plano genial para ludibriar seus ingênuos colonos. Após o fim de uma guerra vitoriosa contra a França, a poderosa Grã-Bretanha acordou sem dinheiro e decidiu reabastecer a caixa do Estado aumentando os impostos em sua principal colônia, os Estados Unidos.

Os norte-americanos, que já entendiam um pouco do espírito democrático que regia a Constituição Inglesa, protestaram contra as novas medidas alegando que um Parlamento onde eles não tinham presença, não tinha o direito de alterar tributos em seu território.

Os ingleses então planejaram uma armadilha constitucional: deram o monopólio da importação de chá

inglês à uma companhia britânica e reduziram os tributos do produto. Entendiam que os americanos ficariam eufóricos com a possibilidade de pagarem menos pelo chá que tanto amavam. Só que, se a operação se efetivasse, abrir-se-ia um precedente jurídico que permitiria ao Parlamento inglês aprovar posteriormente todas as mudanças tributárias que pretendiam na sua grande colônia.

Café versus Chá

Os americanos perceberam a manobra. Os homens reunidos no Green Dragon se fantasiaram de índios guerreiros e, portando machadinhas, o rosto pintado de fuligem preta, invadiram três navios carregados com chá que aguardavam no porto o fim do impasse, e lançaram tudo ao mar.



US coffee drinkers consume **3.1** 9 oz. cups on average per day.



The nation's **MOST POPULAR DRINK** that isn't water.

2nd MOST TRADED COMMODITY IN THE WORLD, trailing a backdrop only for petroleum, with the coffee market earning nearly \$2 billion dollars annually.

2nd MOST RECOGNIZABLE ODOR IN AMERICA only surpassed by the smell of burning wood.



1670 - Dorothy Jones, de Boston, obteve uma licença para vender café, tornando-se assim o Primeiro Comerciante Americano de Café.



1688 - Em 1688 o café substituiu a cerveja como bebida favorita no café da manhã em Nova Iorque.

1700 - Em meados de 1700, chá e café eram igualmente apreciados: muitas tabernas se transformaram em cafeterias. Isto tudo mudou em decorrência da famosa Festa do Chá de Boston (Boston Tea Party) de 1773. Depois disto tomar chá se tornou falta de patriotismo.



A partir desse momento, a substituição do chá pelo café, um produto cuja importação não dependia da metrópole, permitindo um comércio exterior soberano, tornou-se um ato de independência política. O monopólio inglês no comércio de chá havia empurrado para o café – e para o movimento independentista – todas as empresas nativas do ramo de importação. Um verdadeiro patriota americano não bebia chá, bebia café!

O café também sempre foi uma das melhores armas contra o alcoolismo, um benefício particularmente importante num país que, ao mesmo tempo em que enfrentava graves problemas neste sentido, possuía um lado profundamente religioso e ascetista, uma tendência que só iria crescer com o aumento da imigração dos puritanos expulsos do Reino Unido. Até o final do século XVII, a cerveja era a principal bebida consumida no café da manhã do americano. Até que aparece o café, que a partir dessa época assume o primeiro lugar.

É nesse contexto que devemos entender a declaração de Thomas Jefferson, um dos “pais fundadores” dos EUA: “o café, a bebida preferida do mundo civilizado!” Por que Jefferson se referiria assim a uma planta que sequer era plantada em território americano? Porque beber café era uma atitude, uma ideia, uma forma de pensar, um destino.

Os séculos passaram e nenhuma outra bebida penetrou tão profundamente no imaginário norte-americano. Quando a televisão começou, uma de suas primeiras grandes estrelas, o comediante Alexander King assim resumiu a importância psicológica do café para seus conterrâneos: “A necessidade básica do coração humano durante uma grande crise é uma boa xícara de café quente.”

Belíssima frase! Repleta de conotações históricas! Afinal, não foi o café que resolveu a crise da independência, ao substituir o chá inglês, no consumo doméstico e junto às firmas importadoras? Que bebida simbolizaria mais a paixão americana pelo sucesso individual através da inteligência e da criatividade? A Coca-Cola? Não, é o café!

Se houvesse uma guerra civil entre os amantes da Coca-Cola e os amantes do café, podemos ter certeza que os amantes do café formariam um exército com muito mais capacidade intelectual. Sobretudo porque contariam com a adesão dos milhares de escritores, roteiristas, blogueiros, produtores de TV, cinéfilos, acadêmicos, pesquisadores,

cientistas, leitores compulsivos, viciados em internet, e inventores de todo o tipo, que não conseguiriam jamais conceber uma existência desprovida de uma boa dose diária de cafeína.

Símbolo do Café

Quando vemos os grandes movimentos econômicos e culturais dos Estados Unidos, mais se nota o impressionante papel simbólico do café. Os EUA, antes a maior potência industrial do mundo, hoje perdeu essa posição para a Ásia, mas conseguiu dar a volta por cima se tornando um centro de excelência em serviços tecnológicos, produção de entretenimento, lojas virtuais e profissionais independentes. Ou seja, toda aquela turma que frequenta a Starbucks hoje representa mais de 70% do PIB americano.

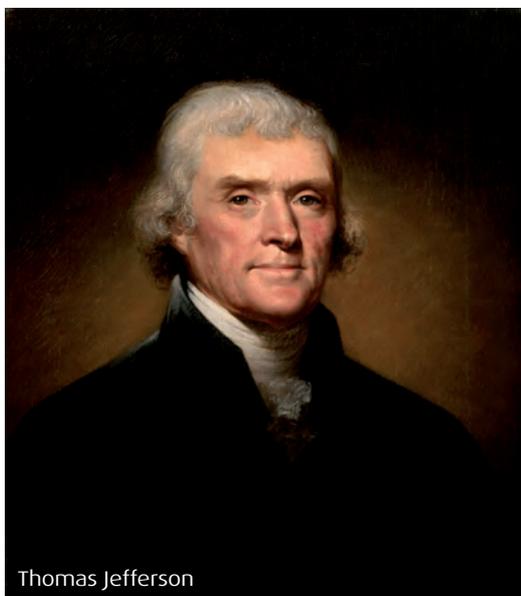
Se você agora espera alguma estatística para dar substância às afirmativas acima, então vamos lá. Os links com as fontes de todas as informações seguem ao final do artigo.

O café é a bebida mais consumida nos EUA, depois da água. É o segundo odor mais reconhecido pelos americanos, depois do cheiro de madeira queimada (muito comum lá por causa do frio). Atualmente, existem aproximadamente 20 mil cafeterias em território americano, que geraram uma receita superior a 10 bilhões de dólares em 2011. Para 2012, a estimativa da receita de venda de café em cafeterias e restaurantes foi projetada em 18,7 bilhões de dólares por David Sprinkle, editor da Packaged Facts, organização especializada no mercado alimentício.

O café é um produto tão poderosamente enraizado na cultura americana que não apenas

tem atravessado imune as últimas crises econômicas, como parece crescer ainda mais nos momentos difíceis. Como se o aumento da ansiedade provocado pelas turbulências financeiras fosse um estímulo a mais para o americano se debruçar sobre seu cafezinho.

Uma explicação menos psicológica é que a abertura de um café tornou-se uma das atividades econômicas mais populares no país. Não é difícil também entender porque. Segundo uma instituição especializada em pequenos negócios, ligada ao governo americano, a SBDC, o retorno bruto de uma cafeteria está em 85%. Num país de juros quase negativos, onde se pode, com relativa facilidade e pouca burocracia, obter financiamentos de longo prazo



Thomas Jefferson

Os colonizadores acreditavam que podiam importar café da América Central e América do Sul, e o mais importante, sem a ajuda dos Britânicos. Tomar café tornou-se então um sinal de independência e autonomia americana.



A Festa do Chá de Boston, de 1773, foi idealizada (arquitetada) em uma cafeteria chamada “The Green Dragon”.



1861-1865 - A Guerra Civil nos Estados Unidos elevou a popularidade do café às alturas. Os soldados iam para a guerra levando grãos de café como a ração mais importante.

1865 - James Mason inventou o coador de café, dando início à criação do moderno método de fazer café, fazendo com que o café se tornasse muito mais acessível à classe média.



1901 - Foi inventado o primeiro café solúvel instantâneo pelo químico Americano de origem nipônica Satori Kato, de Chicago.

para bancar os custos de um novo negócio, ter um retorno bruto tão alto é uma jóia, pela possibilidade de movimentar uma relevante quantia em dinheiro. O lucro líquido de uma cafeteria está em torno de 2,5%, mas a utilização intensiva de mão-de-obra confere enorme vantagem aos empreendimentos familiares, que correspondem a quase um terço do setor, em termos de faturamento, e provavelmente muito mais em quantidade absoluta de unidades.

Até recentemente, havia uma certa preocupação com a “maturidade” do mercado de café nos EUA. Com quase todo mundo já bebendo café, a indústria não esperava grande crescimento de mercado. A este fator, somava-se o afastamento do jovem. Tudo isso se reverteu. O surgimento de novos produtos, e sobretudo a popularização dos chamados cafés especiais, acelerou substancialmente as taxas de crescimento do consumo de café nos EUA, e os jovens se tornaram os frequentadores mais entusiastas das milhares de cafeterias espalhadas pelo país.

De acordo com a edição de 2012 do relatório estatístico da Associação Nacional de Café dos EUA (NCA), 40% dos jovens de 18 a 24 anos beberam café diariamente em 2011, um forte aumento sobre os 31% do ano anterior. Na faixa etária entre 25 e 39 anos, a pesquisa identificou que 54% beberam café todos os dias, um aumento também notável sobre os 44% de 2010.

8

O crescimento é tão surpreendente que os analistas sequer encontram uma explicação clara. A maioria dos consumidores declararam que sua situação econômica não mudou no último ano. Ou seja, as pessoas passaram a consumir mais café mesmo sem experimentar nenhum avanço de seu poder aquisitivo.

Somando os consumidores diários e não-diários, 75% dos americanos adultos consomem café com alguma regularidade, ou 183 milhões de pessoas. Os consumidores americanos de chá somam 173,5 milhões.

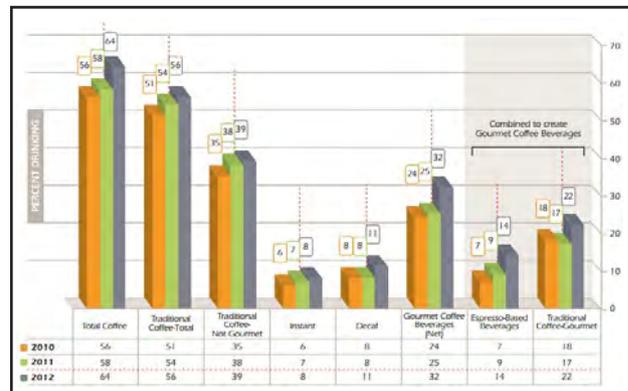
Os dados até agora apresentados são todos relativos ao ano de 2011. Mas já há algumas estatísticas da edição de 2012 do relatório da NCA, com referências até 2012, disponibilizados ao público. Por exemplo, quando perguntados se já beberam café no dia anterior, 64% dos entrevistados disseram que sim, o maior número dos últimos anos (em 2011, foram 58%). Interessante notar que o crescimento do café corresponde inversamente ao declínio do consumo de refrigerantes: 50% dos americanos disseram ter bebido “soft drinks” no dia anterior, contra 58% em 2011.

Pesquisa NCA 2013: Você consumiu que tipo de bebida ontem?

	2008	2009	2010	2011	2012
Total Coffee	60	59	56	58	64
Soft Drinks	57	58	57	58	50
Tap Water	53	52	49	51	47
Bottled Water (unflavored)	37	36	41	42	48
Tea	40	43	40	42	46
Juice	40	42	37	38	39

A demanda por cafés especiais (cappuccinos, lattes, Americanos e macchiatos), com os macchiatos na liderança desse crescimento, cresceu 50% desde 2007, segundo dados do Datassential MenuTrends. Segundo a pesquisa da NCA 2013, um total de 32% dos entrevistados relataram ter bebido cafés do tipo “gourmet” no dia anterior; em 2011, foram apenas 25%.

Pesquisa NCA 2013: Você bebeu café ontem? Qual tipo?



As vendas de café correspondem a 83,3% do mercado de bebidas quentes nos EUA, e a previsão da NCA é que o consumo de café no país deve crescer em média 2,7% ao ano até 2015.

Segundo a Espresso101, uma organização especializada no tema, o custo médio para se abrir uma cafeteria de 111 metros quadrados nos EUA oscila entre 200 e 375 mil dólares.

O Serviço Estrangeiro do Departamento de Agricultura estima que o país importou 21,23 milhões de sacas em 2012, volume estável em relação ao ano anterior. Quando se compara a média dos últimos dois anos à média de dez anos atrás, nota-se um aumento em torno de 15% nas importações americanas. A participação do Brasil tem se mantido estável, caindo em anos de baixa bianualidade para aproximadamente 25% e subindo para 30% em anos melhores. O Vietnã, que em 2003 detinha somente 10% do mercado americano, agora se aproxima dos 20%, quase



1914-1918 - Durante a Primeira Guerra Mundial, envelopes (sachet) de café desidratado faziam parte da ração militar. Para terror (assombro) de seus oficiais comandantes, os soldados usavam sempre os fósforos de emergência para aquecer suas pequenas canecas de metal.

1920-1930 - Após retornar da guerra, os soldados estavam tão acostumados a tomar café diversas vezes ao dia que o número de cafeterias cresceu 450% nos anos que se sucederam. Até então, as pessoas geralmente iam a restaurantes para comer ou a tavernas ou cafeterias para beber.

Os soldados retornando das guerras, entretanto, queriam poder beber café e comer em locais nas redondezas de suas residências. Nascia então o icônico jantar americano (American Dinner).



1940-1950 - Os Britânicos podem ter inventado a “Hora do Chá”, mas a América inventou o “Intervalo do Café” (Coffeebreak). A prática teve início durante a Segunda Guerra Mundial, quando as fábricas ofereciam um descanso a seus operários e uma dose de cafeína. Graças a uma inteligente campanha publicitária em meados dos anos 1950 pelo Escritório Pan Americano de Café, de 70 a 80% dos trabalhadores americanos faziam um intervalo para café (coffeebreak) – tanto os operários quanto funcionários de escritórios.



EUA: Principais fornecedores de café verde						
Em sacas de 60 kg. Período: Ano-calendário 2003 a 2012						
Partner	2003	%	2011	%	2012	%
1 Brazil	4.811.417	27%	6.562.362	31%	5.081.882	24%
2 Vietnam	1.782.430	10%	3.160.047	15%	4.083.752	19%
3 Colombia	3.496.873	19%	3.138.043	15%	2.728.870	13%
4 Guatemala	1.909.612	10%	1.533.773	7%	1.738.913	8%
5 Mexico	1.089.887	6%	1.128.425	5%	1.465.228	7%
6 Indonesia	903.165	5%	903.395	4%	1.267.462	6%
7 Honduras	361.700	2%	604.237	3%	993.455	5%
8 Peru	777.960	4%	1.006.610	5%	811.640	4%
9 Nicaragua	423.873	2%	616.795	3%	727.022	3%
10 Costa Rica	805.123	4%	674.070	3%	723.195	3%
11 El Salvador	566.865	3%	633.668	3%	381.175	2%
12 Papua New Guinea	198.652	1%	212.608	1%	281.015	1%
13 Ethiopia	93.340	1%	264.155	1%	192.495	1%
14 Kenya	95.887	1%	81.643	0%	129.187	1%
15 Cameroon	4.023	0%	43.772	0%	127.718	1%
16 Uganda	174.398	1%	120.207	1%	117.748	1%
17 China	6.418	0%	83.425	0%	85.668	0%
18 Tanzania	37.932	0%	76.645	0%	72.682	0%
19 Rwanda	36.035	0%	56.315	0%	70.237	0%
20 Ecuador	128.137	1%	70.117	0%	38.675	0%
Subtotal	17.803.727	96%	20.970.302	98%	21.068.038	99%
Outros	701.090	4%	325.370	2%	171.205	1%
Total	18.504.817	100%	21.295.672	100%	21.239.243	100%

Fonte: Departamento de Agricultura dos EUA / FFAS.

empatando com o Brasil. A Colômbia, por sua vez, que tinha uma participação de 19% nas importações americanas em 2003, fechou o ano passado com apenas 13%.

Outra fonte útil para se entender o mercado de café nos EUA é assistir a uma conferência de Tracy Ging no Simpósio da Associação de Cafés Especiais dos EUA (SCAA) de 2012, disponível na internet (ver link ao final do artigo).

A ex-diretora executiva da SCAA, especialista em tendências do consumo, conduziu uma ampla pesquisa em duas importantes cidades americanas, Los Angeles e Oregon, sobre o perfil dos consumidores de café, e descobriu algumas coisas surpreendentes.

A pesquisa de King comprova a tese defendida no início deste artigo, da ligação profunda entre o café e a cultura americana. Segundo ela, os consumidores americanos de café tem uma relação eminentemente afetiva com o produto. As palavras e símbolos mais comuns nos desenhos que a pesquisa pediu que os entrevistados fizessem para identificar o que sentem e pensam sobre café foram amor e coração. Corações por toda a parte. King identificou uma escala de importância dos fatores que levam o consumidor a beber determinada marca de café, em determinado local: cafeína, sabor, atmosfera do lugar, se é legal, se está na moda (cool). Mas ela salientou que é perigoso traçar uma hierarquia entre esses valores e tentar isolar uma dessas características. O consumidor quer tudo. A pesquisa constatou que o consumidor de café especial procura uma experiência profundamente pessoal. O consumo de um cafés especiais é como “um portal para novas experiências”.

King observou ainda que os consumidores têm aversão a campanhas que procuram educar seus gostos, considerando isso uma invasão de sua liberdade. Mas são curiosos em saber porque gostam disso ou daquilo.

Quando a pesquisa passa para o consumidor de café no lar, a coisa muda de figura. Há uma mudança profunda de postura. A variedade de marcas consumidas, muito fragmentada junto ao consumidor fora de casa, registra forte declínio junto

ao consumidor do lar. Mas ele ainda se preocupa muito com qualidade e possui um grau de insegurança elevado sobre a melhor maneira de se preparar um bom café.

A pesquisa até então não pedia às pessoas que identificassem o conceito de café especial. Apenas lhe perguntavam sobre suas preferências. Quando perguntados sobre o significado de “café especial”, uns atribuíram à maneira como ele é preparado, outros que se trata de cafés com gostos diferentes (menta, etc). Mas a maioria entendeu um café especial como algo oposto ao das grandes marcas, como Folgers, Hill Brothers, etc.

A conclusão da pesquisadora é que os consumidores de bons cafés nos EUA estão perdendo a referência sobre o que caracteriza um café ruim. Grãos queimados, blends impuros, gosto de mofo, estão cada vez mais distantes de sua realidade. Para ele, consistência, sabor, aroma, tornaram-se a base, o mínimo de um café. É o novo normal. King alega para o perigo, portanto, da criação de um novo conceito de “ruim”, que seria exatamente isso, o café normal. Os cafés especiais, para ele, referem-se a algo raro, fora das grandes cadeias, ligado a alguma experiência pessoal diferenciada.

As campanhas de marketing para cafés especiais, segundo King, deveriam focar nesse relacionamento cada vez mais afetivo, profundamente individual, que os consumidores desenvolvem com suas marcas preferidas. As pessoas querem do café mais do que a cafeína. King observa que a pesquisa identificou que o ato de beber a sua marca preferida é descrito pelos consumidores como “uma experiência de amor”.

“Eles são profundamente apaixonados pelo café que escolheram”, diz a pesquisadora. “Eles querem inspiração, empoderamento, um caso de amor. Os detalhes sobre a origem do produto, a vida nas fazendas, tem interesse para alguns, mas o que eles querem mais é queimar num vulcão”, explica King, referindo-se a um dos desenhos feitos pelos pesquisados, que mostra um homem mergulhando num vulcão ativo. As campanhas, conclui King, têm de ir além da funcionalidade, e escolher imagens que integrem o amor ao café a tudo que você faz.

Os homens do café Green Dragon talvez não quisessem apenas protestar contra os impostos. Possivelmente, por trás de seus interesses pessoais e acima de suas paixões políticas, carregavam em si mesmos os anseios de liberdade mais nobres e mais antigos da raça humana. É uma honra para o café fazer parte dessa história! ☺

Links com as informações usadas na matéria:
http://images.nationalgeographic.com/wpt/media-live/photos/000/472/custom/47211_1000x2060-cb1326981666.jpg
<http://www.sbdnet.org/small-business-research-reports/coffee-shop-2012>
http://www.ncausa.org/files/Market%20Research/NCDT2012_free_download.pdf
<http://www.scaoevent.org/PDF/Press%20Kit/2012/Facts%20and%20Figures.pdf>
<http://www.scaosymposium.org/tracy-ging-speaks-at-symposium-2012-on-consumer-understanding/>

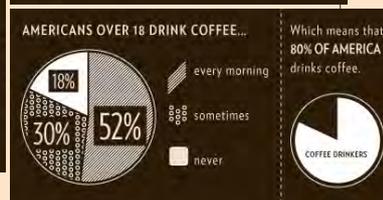


1970's - Nasce a famosíssima Starbucks em Seattle, que inicialmente vendia grãos de café fresco torrado e máquinas.

1995 até o presente - Em 1995 a Starbucks tinha se tornado uma referência cultural popular, com uma loja em cada quadra e, em alguns casos, em cada esquina. O modelo Starbucks foi copiado mundialmente. Do ano de 1995 a 2000, o consumo de café teve um aumento excepcional de 700%. A partir do ano de 2000 até o presente, o café não tem demonstrado qualquer sinal de declínio em popularidade!



WALL ST - Tanto a Bolsa de Mercadorias de Nova Iorque como o Banco de Nova Iorque tiveram suas origens em cafeterias, no que hoje é conhecido como Wall Street. Os pais fundadores dos Estados Unidos, durante a revolução, formaram sua estratégia nacional em cafeterias.





10

Exportações de café pelo porto 121% no primeiro bimestre

Nos últimos meses, o porto do Rio de Janeiro, que sempre foi um importante escoador do café brasileiro, vem chamando a atenção pelo forte crescimento em sua participação nos embarques do grão. Apenas nos primeiros dois meses de 2013, as exportações de café verde pelo Porto do Rio cresceram 121% sobre o ano anterior, alcançando 531.610 sacas, representando 11% do total exportado pelo país no período. No primeiro bimestre de 2012, a participação do porto do Rio foi de apenas 5,5%.

Analisando o quadro geral da cafeicultura brasileira, esse incremento na participação do terminal carioca na exportação nacional de café tem fundamentos sólidos, com igualmente sólidas perspectivas de continuar crescendo. O Porto do Rio tem duas grandes vantagens competitivas em relação ao Porto de Santos, principal escoador do café brasileiro. A primeira é que fica bem mais perto da região cafeeira que mais cresce, a zona da mata. A segunda razão, não menos importante, é que o Porto de Santos está sobrecarregado. Semana passada, os principais jornais do país estamparam gigantescas manchetes sobre o "apagão logístico" no escoamento da safra brasileira de

grãos, mostrando fotos com filas intermináveis de caminhões aguardando sua vez para descarregar suas cargas nos terminais santistas. No Rio, não há nenhum "apagão".

A questão do deslocamento da produção de café para o norte é uma realidade que afetará profundamente a logística de escoamento do produto. Em 2013, esse movimento experimentará um salto. Enquanto a safra do sul de Minas deverá cair até 16% e a do cerrado, quase 25%, a zona da mata poderá registrar, segundo a Conab, um aumento de produção próximo a 30%. Com isso, a participação da zona da mata na produção brasileira deverá ficar em torno de 16% em 2013, contra 12% em 2012.

A questão da bianualidade é fundamental aqui. A zona da mata experimenta uma bianualidade invertida em relação às outras regiões: quando é ano de safra menor no cerrado e no sul de Minas, é ano de safra maior na zona. Mesmo descontando esse fator, contudo, o crescimento da participação da zona da mata na safra brasileira tem sido notável nos últimos anos.



Miguel Barbosa

do Rio crescem re de 2013

Este ano, a Conab prevê que a zona da mata deverá produzir até 7,89 milhões de sacas, contra 6,13 milhões de sacas em 2012. Por estes números, pode-se inferir o potencial de aumento na exportação pelo porto do Rio.

Nos dois primeiros meses deste ano, a empresa que opera o terminal de café no Rio, TTC Logística, registrou a exportação de 338 contêineres de café, um recorde para a empresa, que iniciou suas operações no porto há dois anos, após firmar contrato com o Centro de Comércio de Café do Rio de Janeiro (CCCRJ).

Maurício Bornhausen, gerente da TTC Logística, explica que as perspectivas da empresa são de um forte aumento na exportação de café este ano, sobretudo após a ativação de um escritório de Redex no terminal, o que deverá acontecer ainda em abril. Com o Redex, será possível o despacho alfandegário no próprio local, o que atrairá também os exportadores de café industrializado.

A parceria da TTC com o CCCRJ se dá, entre outras coisas, pela cessão de um funcionário especializado em

operações de café: Reginaldo Oliveira Dulci, que trabalha há 25 anos no setor, sendo 10 anos no CCCRJ e 2 anos no terminal. Cabe ao representante do Centro atuar na coordenação geral dos trabalhos, acompanhando todas as etapas, fazendo contatos com as autoridades sanitárias e fiscais.

Bornhausen informa que o terminal da TTC é o maior do porto do Rio, com 35 mil metros quadrados, com uma estrutura de galpão com 3 mil metros quadrados. Há uma área praticamente exclusiva para as operações de estufagem de café, com uma grande máquina para extrair o café dos big bags trazidos pelos caminhões e estufá-los num contêiner devidamente forrado para receber a mercadoria.

Segundo Bornhausen, a capacidade do terminal para a estufagem a granel é de até 10 contêineres por dia, mas é possível ampliar as operações para até 15 contêineres. Para ovação em sacas de 60 kg, a capacidade é de até 20 contêineres. O terminal opera com 16 funcionários trabalhando de segunda a sexta de 7:30 às 11:30 e de 12:30 às 16:30, e sábado pela manhã.

Cerca de 80% dos contêineres são enchidos com sacas. O granel responde por 20%. Bornhausen explica que isso se dá em virtude das preferências dos compradores. “Muitos contêineres, chegando nos portos lá fora, têm suas cargas subdirecionadas para vários destinos, esta é razão da preferência por sacas”, diz o executivo.

O representante do CCCRJ no terminal, Reginaldo Oliveira Dulci, lembra que as obras do PAC encurtaram a distância do terminal ao porto, com a construção de uma estrada de ligação direta. “A distância da Avenida Brasil até o terminal é de 400 metros; do terminal ao porto, apenas 2 mil metros, 10 minutos para chegar”, informa Dulci.

Dulci acredita que a exportação de café pelo terminal deve experimentar um aumento expressivo a 100% em 2013, na comparação com o ano anterior. Segundo ele, metade do café vem da zona da mata, 30% de Varginha e o resto da Bahia, Paraná e Espírito Santo.

Uma das vantagens do terminal TTC, explica Dulci, é uma frota própria de 38 caminhões, sendo 10 usados apenas para o transporte de café, que garante o fluxo regular do local da estufagem para o terminal de embarque.

O gerente da TTC, Bornhausen, é testemunha da história recente da relação entre a exportação de café e o Porto do Rio, uma relação que ele vivenciou de perto desde o início em 1995, com a inauguração do terminal. As operações tiveram início com a Multiportos, quando o Porto do Rio chegou a operar até 900 contêineres de café por mês, depois com a Libra, e agora a responsabilidade está nas mãos da TTC, que tem como meta exportar 500

EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE CAFÉ POR PORTOS

sacas 60Kg

UNIDADE DE EMBARQUE	2009	2010	2011	2012	2013 (JAN-FEV)
TOTAL	30.346.729	33.028.992	33.508.683	28.327.868	4.751.722
SANTOS	22.252.930	24.983.557	25.870.917	21.741.485	3.860.972
RIO DE JANEIRO	2.749.548	2.963.037	2.066.972	3.647.936	679.078
RIO DE JANEIRO	1.080.126	1.408.812	1.327.017	3.108.434	542.123
SEPETIBA	1.669.422	1.554.225	739.955	539.502	136.955
VITÓRIA	4.372.982	4.210.929	4.849.641	1.975.521	48.229
SALVADOR	357.887	289.891	258.541	382.370	35.241
RODOVIÁRIO	554.218	532.578	455.283	567.973	123.843
OUTROS	59.164	49.000	7.329	12.583	4.359

Fonte: CECAFÉ

a 600 contêineres/mês. “Se a demanda crescer, a gente amplia a nossa estrutura. Temos espaço para isso”, promete o executivo.

Um dos problemas que poderiam ser solucionados pelas autoridades, diz Bornhausen, é o agendamento para entrega dos contêineres no porto. O sistema precisa ser aperfeiçoado. Não há falta de navio. Ao contrário, o Porto do Rio é bem servido de linhas, mas há uma certa correria para agendar a entrega das mercadorias no porto. “Quando o navio marca sua data de entrada no porto, a administração portuária nos dá cinco dias antes para entrarmos lá com o produto”, explica. Assim que a “janela” é aberta, a marcação é feita por ordem de registro. É ver quem entra primeiro no computador e se cadastra, reclama o executivo. Entretanto, “mesmo com esses problemas, até hoje não perdemos um embarque”, orgulha-se Bornhausen.

Outra vantagem do terminal é que ele opera também como depósito de contêineres, de maneira que há

sempre contêineres vazios disponíveis para as operações de café.

De acordo com o sistema de banco de dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (Sistema Alice), nos últimos 12 meses até fevereiro, o café foi o terceiro produto mais importante, em valor, embarcado no porto do Rio, atrás apenas do ferronióbio e do petróleo. As exportações de café pelo porto do Rio, neste período, totalizaram US\$ 631,7 milhões. É o único produto agropecuário exportado pelo porto do Rio, se considerarmos os 40 principais itens. E mesmo sendo vendido na forma de grão verde, é um dos produtos com maior valor agregado da lista.

As exportações de café pelo Porto do Rio, ainda considerando o acumulado dos últimos 12 meses até fevereiro, somaram 3,26 milhões de sacas, contra 3,0 milhões de janeiro a dezembro de 2012 e 1,23 milhão em 2011. Os Estados Unidos foram o principal destino, importando 642 mil sacas, ou 21% do total, seguido por Alemanha (11%), Eslovênia (11%), Itália (8,5%) e Turquia (5,4%). 

Governo do Estado de São Paulo, Secretaria da Cultura e Museu do Café convidam para

EXPOSIÇÃO
FAZENDAS PAULISTAS:
Patrimônio Cultural Rural

Até 18 de Abril de 2013

propaganda



Museu do Café - R. XV de Novembro, 95. Centro Histórico - Santos/SP Tel. (13) 3213-1750
Horários: terça a sábado das 9h às 17h, e aos domingos das 10h às 17h.

Apoio:



Realização:



GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO
Secretaria da Cultura

www.museudocafe.org.br    /museudocafe



14

Fotos: Htlaméz Freitas

Agrocafé 2013 transformou Salvador da cafeicultura por três

O tema central do 14º Simpósio Nacional do Agronegócio Café – Agrocafé 2013, evento que abriu o calendário brasileiro da cafeicultura no ano, buscou aprofundar a questão dos benefícios à saúde humana promovidos pelo café. Com a presença de mil participantes, especialistas, personalidades do setor e representantes do conjunto da cadeia café, discutiram o contexto atual da commodity, que vive uma fase difícil, especialmente na Bahia.

O diretor da Unidade Coronariana do InCor, Luís Antônio Machado César, juntamente com a pesquisadora da UFRJ, Adriana Farah, sob a coordenação do cardiologista baiano Maurício Nunes, formaram a mesa do painel de abertura, debatendo sobre os benefícios da bebida para o coração e a promoção da longevidade. Foram apresentados também resultados de estudos epidemiológicos importantes, desenvolvidos

principalmente nos Estados Unidos, demonstrando a provável influência do café na diminuição do número de mortes por doença cardíaca e redução de risco de desenvolver diabetes.

“O café faz parte do dia-a-dia do brasileiro e é um dos principais produtos da pauta de exportações do país, que lidera a produção mundial. Por isso, damos ênfase no evento ao consumo e aos aspectos ligados à saúde, trazendo os mais novos estudos e nomes que estão na vanguarda da pesquisa e da medicina nacional”, ressalta João Lopes Araújo, presidente da Assocafé.

O Agrocafé tradicionalmente concentra uma série de eventos simultâneos, como o Fórum do Agronegócio Café, que nesta edição foi coordenado pelo Secretário da Agricultura da Bahia, Eduardo Salles, contando com a participação do senador Walter Pinheiro, do presidente da ABIC, Américo Sato, e o diretor executivo, Nathan



Mesa de abertura

Produtor na capital nos dias

Herszkowicz, e, ainda, Gabriel Ferreira Bartholo, da Embrapa Café, Guilherme Braga, do CeCafé, Gil Carlos Barabach, da Safras & Mercados, e João Alves de Toledo Filho, da Cocapec e CNC. Na ocasião, foram premiados os Destaques do Agronegócio Café 2012.

Durante o evento foi realizado também o Seminário Nacional da Cafeicultura Familiar, com presença de



Jair Rocha, da J.R. Comércio e Exportação de Café Ltda., premiado como destaque exportação

João Lopes Araújo



Guilherme Braga no Fórum do Agronegócio Café

representantes do Ministério do Desenvolvimento Agrário - MDA, Secretaria da Agricultura, Pecuária, Irrigação, Reforma Agrária, Pesca e Aquicultura - Seagri, Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Estado da Bahia - Fetag e Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar do Estado da Bahia - Fetraf. Foram abordados temas como produção atual, número de cafeicultores familiares, infraestrutura atual e necessária para produzir qualidade, assistência técnica e crédito. O Simpósio também contemplou estandes de exposição e cursos intensivos.

Os painéis principais abordaram temas como geração de renda, cooperativismo, exportação, elevação de consumo, qualidade e agregação de valor, alterações climáticas e seus efeitos, geografia da produção e de sabores de cafés produzidos no mundo, inserção da cafeicultura brasileira no novo Código Florestal e avanços na mecanização.

O Agrocafé é uma realização da Associação de Produtores de Café da Bahia - Assocafé, Federação da Agricultura do Estado da Bahia - Faeb e Centro do Comércio de Café da Bahia. €



Painel de abertura - Café. Um estímulo para a vida

O Brasil fora das cadeias produtivas globais

As redes de inovação-produção-comercialização encontram-se dispersas em empresas e países. A ampliação das cadeias produtivas globais e o crescente intercâmbio de partes e componentes está mudando a forma de tratar as trocas tradicionais de bens e serviços. A industrialização e a produção de manufaturas dependerá da participação dos países em desenvolvimento nessas cadeias produtivas de maior valor agregado. Ao ficar de fora do circuito das cadeias produtivas globais, a maioria dos países em desenvolvimento, o Brasil incluído, passa a concentrar suas exportações em commodities e suas exportações de manufaturados tornam-se cada vez mais reduzidas. A incorporação das cadeias de produção global nos mega-acordos de livre-comércio, como o eventual acordo EUA - União Européia, representa um desafio adicional, pois traz de volta preocupações geopolíticas para o comércio internacional. Considerações de política externa levam as duas regiões a tentar superar diferenças comerciais em função de interesses comuns para a prevalência de normas internacionais e valores e para a contenção da China.

O mundo está se multipolarizando rapidamente e a produção e as cadeias produtivas estão se multilateralizando. A crescente aceitação desse novo modelo de desenvolvimento pelos países asiáticos e alguns latino-americanos representa um grande desafio para os países emergentes como a China, a Índia, o Brasil e a Rússia, que relutam em aceitar a lógica dos atuais fluxos de investimento e do comércio.

A Organização Mundial do Comércio (OMC) procura regular e facilitar o intercâmbio tradicional - que diz respeito a bens produzidos num determinado país e vendidos em outro - com regras que dificultem ou eliminem as barreiras na fronteira (tarifas) e visem a penalizar a competição desleal, subsídios e dumping com medidas compensatórias. As novas regras do comércio das cadeias produtivas começam a ser definidas de forma ad hoc nos acordos de comércio regional (como os dos EUA com países da Ásia e com a Europa), tratados bilaterais de comércio e de investimento (como os dos EUA e da Europa com a

Nem o governo nem o setor privado parecem perceber as transformações que ocorrem no comércio internacional, com profundas repercussões no Brasil. E os novos desafios são, em geral, minimizados pelos formuladores de decisão nos ministérios da área econômica e no Itamaraty.

O governo declara ter uma "política comercial cautelosa" por não querer abrir mão de seu projeto nacional de desenvolvimento e por julgar que, tendo uma indústria diversificada, o Brasil não se deve engajar nos acordos de cadeias produtivas, que levariam a alguma especialização no contexto produtivo.

O processo de globalização vem sofrendo modificações aceleradas, com a tendência de concentração da produção de manufaturas em poucos países e a fragmentação da produção de bens industriais. Nos últimos 20 anos, o comércio das cadeias produtivas (supply chain trade) vem crescendo gradualmente. Trata-se do intercâmbio de bens, investimentos, serviços e tecnologia associado às redes internacionais de produção, que combinam a inovação dos países desenvolvidos com salários baixos dos países em desenvolvimento.

No comércio das cadeias de suprimento, o investimento produtivo dos países desenvolvidos só vai ocorrer desde que certas regras e reformas que garantem a proteção dos bens tangíveis e intangíveis das empresas sejam adotadas pelos países emergentes e em desenvolvimento e caso haja integração da cadeia produtiva no intercâmbio global.

Coreia do Sul e com os países da América Latina) e por meio de reformas unilaterais dos países em desenvolvimento.

Os acordos regionais de livre-comércio (10 acordos dos EUA, 11 do Japão e 58 da União Européia, segundo a OMC) registram 52 regras, das quais 38 não estão incorporadas à OMC, 14 tocam em disciplinas cobertas pelas regras da OMC, mas vão além delas (OMC plus); 12 das 52 regras estão presentes em 80% dos acordos firmados pelos EUA. A maioria das disposições legalmente obrigatórias são uma ampliação das regras existentes na OMC sobre propriedade intelectual (Trips), garantia de investimento (Trim), serviços, movimentos de capital e cooperação aduaneira.

A nova governança global, portanto, está sendo formada à margem das discussões multilaterais da OMC, com profundas consequências para os países em desenvolvimento.

O Brasil, sem estratégia de negociação comercial e com dificuldades para criar um mercado regional para seus produtos, integrados numa cadeia produtiva regional com os demais países, a exemplo do que ocorre na Ásia e na Europa, está cada vez mais isolado e dificilmente

poderá beneficiar-se dessas novas tendências do comércio internacional. Os países que integram a Aliança do Pacífico - México, Chile, Colômbia e Peru - firmaram acordos com os EUA, com a Europa e com a China e estão inseridos no contexto dinâmico dos acordos regionais de livre-comércio. A fragmentação da produção, a exclusão das negociações externas começam a afetar o comércio externo brasileiro de manufaturas pela perda de sua competitividade e pela concorrência da China.

Se a política do governo Dilma Rousseff visando ao fortalecimento da indústria nacional der certo, sem o Brasil estar integrado ao dinâmico intercâmbio da cadeia produtiva global, o máximo que o País pode almejar no longo prazo é manter a produção industrial para o mercado interno com medidas protecionistas, para compensar a maior competitividade dos produtos importados.

O mundo não vai esperar o Brasil. Ou o Brasil recupera o tempo perdido e reformula a sua estratégia de negociação comercial externa, ou vai tornar-se cada vez mais isolado no mundo real do comércio global e de investimentos. €

Cursos Online AgriPoint

Uma forma prática e descomplicada de capacitação profissional pela web.



Você não precisa mais se deslocar para adquirir conhecimento. Poupe seu tempo, adquira conhecimento técnico para melhorar sua produção de café.



Para adquirir estes e outros títulos acesse: www.agripoint.com.br/cd ou ligue: (19)3432-2199



Aproxime a câmera do seu celular com leitor de QR-Code



Semana Internacional do Café: evento promete despertar ao mundo, o Brasil do café de qualidade, sustentável e exclusivo

De acordo com Elmiro Nascimento, Secretário de Agricultura, Pecuária e Abastecimento de Minas Gerais, a Semana Internacional do Café será o arranque inicial para promoção dos Cafés do Brasil

18 Não só por ocupar a liderança dos rankings de produção e exportação e o segundo lugar no consumo da bebida, mas também pela diversidade de seus cafés, crescimento da produção de cafés de qualidade e sustentáveis é que o Brasil tem a honra de sediar a comemoração dos 50 anos da Organização Internacional do Café (OIC).

Um evento de grande importância para a cadeia produtiva do café, onde participam 77 países-membros da OIC, dentre países consumidores e produtores, será realizado na capital do maior estado produtor de café do Brasil, em Belo Horizonte/MG.

Em entrevista com Secretário de Agricultura, Pecuária e Abastecimento de Minas Gerais, Elmiro Nascimento, ele comenta que há muito tempo estão buscando formas de promover a cafeicultura do estado. "O fato de a instituição internacional [OIC] ter um brasileiro como diretor-executivo, Robério Silva, facilitou para que o evento acontecesse no Brasil, em particular, em Minas Gerais. Pela importância do Brasil, acho mais do que justo e de grande valia que essa comemoração aconteça aqui", complementa.

Cinquentenário da OIC e atividades paralelas

A intenção do Governo de Minas Gerais é que a Semana Internacional do Café se torne o maior evento

da cafeicultura nacional e internacional. Para isso, na mesma semana da comemoração do cinquentenário da OIC acontecerão: o 8º Espaço Café Brasil, maior feira de cafés da América Latina, com rodadas de prova, rodadas de negócios, concurso de baristas, exposição de máquinas e utensílios para preparo de café, palestras técnicas, workshops, entre outras atividades.

Uma outra iniciativa bastante inovadora será a criação de uma rota do café, onde serão realizadas visitas às principais regiões produtoras, visando mostrar aos países membros e não-membros da OIC a realidade da cafeicultura brasileira e a qualidade, diversidade e sustentabilidade dos cafés aqui produzidos.

Frente a isso, o secretário declara que um dos grandes desafios está na definição de quais regiões serão visitadas. Ele declara que durante suas viagens tem observado um grande entusiasmo por parte dos produtores, os quais têm se mostrado muito interessados que suas fazendas façam parte da rota do café.

Local e data

Para que todos possam se organizar previamente, a Semana Internacional do Café já tem local e data definidos. De 09 a 13 de setembro, em um dos maiores e mais importantes centros de convenções do Brasil, no Expominas, acontecerão tanto o Cinquentenário da OIC

como o Espaço Café Brasil e demais atividades. “Já temos toda estrutura de apoio, logística e hotéis definida para que possamos acomodar não só os representantes da OIC, mas também todos visitantes que virão de fora do país e de outros estados”, esclarece o secretário.

Apoio e parceiros

Para o sucesso desse grande acontecimento, o Governo do Estado de Minas Gerais tem contado com apoio das principais instituições do setor, dentre elas a Federação de Agricultura e Pecuária do Estado de Minas Gerais (FAEMG), Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), Sebrae, Confederação Nacional de Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), Associação Brasileira das Indústrias de Café (ABIC), Cooperativas, Café Editora, entre outros.

De acordo com o secretário, o agronegócio tem sido muito valorizado pelo governo de Minas Gerais, e tanto o governador do estado, Antônio Anastasia, como o vice-governador, Alberto Pinto Coelho Junior, estão muito empenhados em apoiar esse evento em Belo Horizonte/MG.

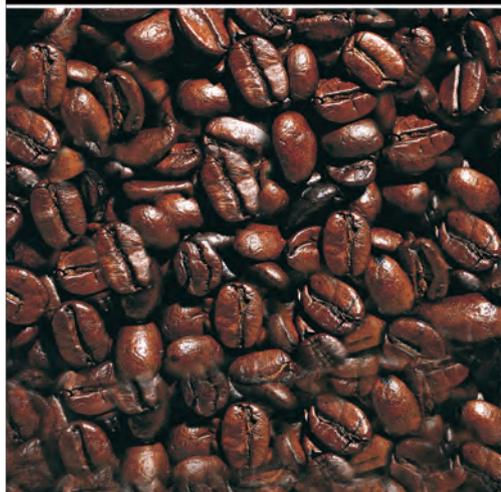
Desafios e expectativas

“Acredito que a Semana Internacional do Café será o arranque inicial para promoção dos Cafés do Brasil e fidelização dos compradores internacionais. Agora, o nosso desafio é fazer o maior evento da cafeicultura do mundo. Pela nossa história, potencial produtivo e qualidade dos cafés, temos como fazer um excelente trabalho, trazendo o maior número de pessoas envolvidas na atividade, contando com o apoio de todos, como já estamos tendo”, finaliza Elmiro Nascimento.

Para a continuidade das ações e estratégias de promoção dos cafés brasileiros, o Governo do Estado de Minas Gerais está totalmente disposto a apoiar eventos futuros e participações em feiras internacionais. €



Integrity and Faithful Relationship.



BALCOFFEE
TRADING INTERMEDIÇÕES LTDA

Ed. Palácio do Café
Av. N. S. dos Navegantes, 675 / 801
Ens. do Suá Vitória ES Brazil 29050-912
Phone (27) 3345 7545
Fax (27) 3325 4158
balcoffee@balcoffee.com.br
www.balcoffee.com.br
AIM: balcoffee Skype: balcoffee



BNDES apoia a reestruturação da COOPERCANOL

No dia 29 de janeiro passado, cerca de 300 produtores rurais do Noroeste do Estado do Rio de Janeiro marcaram presença na Sede da Cooperativa de Café do Norte Fluminense Ltda – COOPERCANOL – em Varre-Sai, para assistirem a cerimônia de assinatura do contrato entre o BNDES e a COOPERCANOL para liberação de recursos com a finalidade de equipar a Cooperativa com maquinário moderno de rebenefício capaz de promover a seleção e padronização do café dos associados. Os recursos, na ordem de R\$ 1.499.310,00 são do fundo social do BNDES e faz parte do DRS do Banco do Brasil. A COOPERCANOL foi fundada em 1977 e encontra-se, atualmente, com 146 associados.

Estiveram presentes na solenidade o Prefeito e Vice Prefeito de Varre-Sai, Everardo Ferreira e Amâncio Bendia; Presidente e Vice Presidente da Federação de Agricultura, Pecuária e Pesca do Estado do Rio de Janeiro (FAERJ), Rodolfo Tavares e Ítalo Balbo Lira; Presidente da Associação dos Cafeicultores do Estado do Rio de Janeiro (ASCARJ), Efigênio Salles; Gerente de Mercado de Agronegócio Sustentável do Banco do Brasil, Jair Pegorin Miller; Secretário e Subsecretário de Agricultura do Estado do Rio de Janeiro, Deputado Christino Áureo e Alberto Mofati; Coordenador do SENAR-Rio, Hugo Valério Siqueira; Representante do SEBRAE, José Maurício Apolônio; Secretários Municipais de Agricultura de Varre-Sai, São José de Ubá, Itaperuna, Porciúncula, Cambuci e Natividade.

Iniciando os trabalhos do evento, o Presidente da COOPERCANOL, Márcio André Vargas de Moraes, fez uma rápida apresentação do projeto de reestruturação da Cooperativa aprovado pelo BNDES e elogiou o trabalho do grupo de produtores fundadores da COOPERCANOL dizendo: “Se estamos aqui hoje é porque há 30 anos atrás teve alguém de coragem, de garra que construiu esse galpão. E realizou com recursos próprios.”

Situação da Cafeicultura Fluminense

Em seguida o técnico do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) e, Tesoureiro da COOPERCANOL, José Ferreira Pinto, mostrou numa breve apresentação a situação da cafeicultura fluminense que vem evoluindo muito, não em área plantada, mas na questão da produtividade e da qualidade. O Estado deverá colher em 2013 mais de 320.000 sacas de café beneficiadas de 60 Kg, pois, espera-se um acréscimo de 25% em relação à safra de 2012 que foi de 262.200 sacas segundo a CONAB. O técnico destacou que o Rio de Janeiro é o segundo maior consumidor de café do Brasil – aproximadamente 02 (dois) milhões de sacas equivalente a 10% do consumo nacional em 2012 – só perdendo para o Estado de São Paulo. Disse que aquele dia alegre em Varre-Sai estaria marcando uma nova fase na cafeicultura do Rio de Janeiro e agradeceu a importante ajuda das políticas públicas direcionadas ao



Público presente

Arquivo CCCRJ

setor cafeeiro promovidas pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro.

Fazendo uso da palavra o Prefeito de Varre-Sai, Everardo Ferreira, cumprimentou e agradeceu a presença das autoridades e dos cafeicultores. Disse que Varre-Sai estava vivendo mais um dia de festa e que a vitória conquistada foi através da parceria entre todas as autoridades presentes representando cada uma delas uma entidade estadual ou federal. "Sem essa parceria nada disso estaria acontecendo aqui hoje."

ASCARJ tem papel de destaque

O Presidente da Associação dos Cafeicultores do Estado do Rio de Janeiro (ASCARJ), Efigênio Salles, iniciou sua fala dizendo que era um dia de festa e também um dia de agradecimentos e que a semente daquele importante projeto de reestruturação da Cooperativa havia sido plantada ali em Varre-Sai pelos cafeicultores da região e por alguns grandes amigos da cafeicultura, citando os nomes José Ferreira e Sílvio Benetti.

O representante dos cafeicultores chamou a atenção para a adesão incondicional de tantas instituições, algumas tão importantes, tão expressivas, tão poderosas, todas unânimes em torno do projeto certo, na hora certa para a cafeicultura. Que a COOPERCANOL será a primeira Cooperativa de Café do Estado do Rio de Janeiro e o módulo de rebeneficiamento de café a ser instalada será também o primeiro à disposição dos cafeicultores. Disse que a melhor maneira que os cafeicultores teriam para agradecer a todas as instituições seria com muito trabalho. Finalizou

agradecendo, em nome dos cafeicultores do Estado do Rio de Janeiro, todas as entidades parceiras, destacando o empenho da Secretaria de Estado de Agricultura e Pecuária nas pessoas do Secretário Christino Áureo e Subsecretário Alberto Mofati aos quais chamou de amigos de todas as horas, do pessoal do Banco do Brasil e do BNDES que tiveram a sensibilidade para entender a importância do projeto. Alberto Mofati, Subsecretário de Estado de Agricultura e Pecuária, destacou que aquela estrutura de rebeneficiamento será fundamental na agregação de valor do café dos produtores, na melhoria desse canal de comercialização e que aquela data ficaria na memória, para sempre, principalmente dos produtores rurais ali presentes.

Jair Miller, Gerente de Mercado de Agronegócio Sustentável do Banco do Brasil, lembrou que o Banco é o maior aplicador de recursos na área rural e que o objetivo dele é aumentar ainda mais essa parceria com o produtor rural.

Em seu discurso, o Secretário de Estado de Agricultura e Pecuária, Deputado Christino Áureo, disse que estava realizando uma etapa muito importante para o futuro de Varre-Sai e de toda a região. Que havia comentado com o Governador Sérgio Cabral e o Vice Pezão sobre a importância daquele evento e que o Governador assumiu com ele o compromisso de estar em Varre-Sai por ocasião da inauguração, entregando juntamente com as diretorias das instituições parceiras a unidade com os equipamentos montados. Falou que era inaceitável o Noroeste Fluminense com um setor tão importante que agrega mais de 2 (dois) mil produtores de café não ter uma Cooperativa vibrante e dinâmica.



Entrega de um cheque simbólico à Coopercanol



Arquivo CCCRJ

Arquivo CCCRJ

Secretário da Agricultura do RJ, Christino Áureo no momento da assinatura do contrato





Dilemas (verdadeiros e falsos) da cafeicultura na “montanha”¹

O evento climático mais temido pela cafeicultura, a geada, está na origem do direcionamento morro acima das lavouras de café nas regiões de mais antigo cultivo. Noutra abordagem, de matiz sociológica percebiam na disposição espacial: lavoura no morro e casa grande no vale; como uma configuração capaz de permitir imediato controle sobre a mão-de-obra alocada no manejo/colheita do cafezal. Provavelmente, ambos os fatores forjaram o vetor morro acima na histórica itinerância desse cultivo. Ao contrário da percepção geral, a ocupação da “montanha” pela cafeicultura não constitui uma vocação natural, mas uma decorrência das condições edafoclimáticas e sócio-econômicas que pautaram o desenvolvimento dessa lavoura.

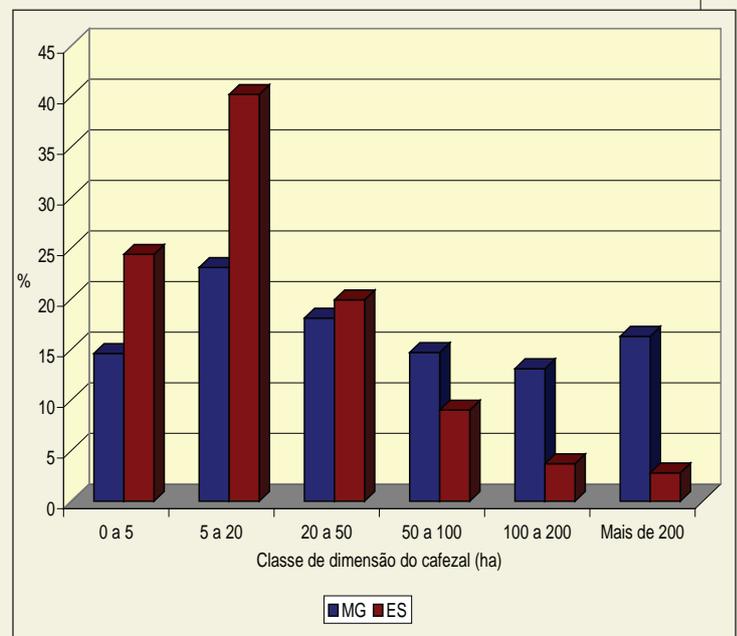
22

A digressão história auxilia-nos na compreensão da atual simbiose entre cafeicultura e “montanha”. Todavia, no que consiste exatamente relevo dito montanhoso. Análise de imagens de satélite do Estado de Minas Gerais, por exemplo, revela que 75% de sua cafeicultura está implantada em declividade que varia de 1% a 20%, ou seja, de topografia que permite a plena mecanização tanto do manejo como da colheita das lavouras. No cinturão da Zona da Mata, região com predomínio da cafeicultura chamada de “montanha”, 70,96% dela está implantada em terrenos com pendentes acima de 20%. Em contrapartida, no cinturão Sul-sudoeste, 85% dos talhões estão alocados em áreas com menos de 20% de declividade (BERNARDES, et al 2012).

O destaque para o potencial mecanizável das áreas situadas em “montanha” decorre da constatação que sistemas produtivos com emprego generalizado de procedimentos mecanizados (manejo e colheita), são menos custosos do que aqueles que dependem grandemente do trabalho manual (VEGRO; MARTIN & MORICCHI, 2000). Estudo que avaliou a competitividade de sistemas de produção manual e mecânico,

especificamente, no sul de Minas Gerais, concluiu que o emprego de máquinas influenciou diretamente no desempenho econômico-financeiro das unidades produtivas (LANNA & REIS, 2012)².

Excetuando-se o cinturão da Zona da Mata em que a mecanização é de fato acentuadamente restrita, nas demais regiões poderiam ser largamente empregadas. Entretanto, características prevaletentes da estrutura fundiária da cafeicultura impedem a adoção de processos mecanizados em razão das pequenas dimensões da maior parte das lavouras. Francisco et al (2010), compilando microdados do IBGE, constatou que mais de um terço da cafeicultura mineira e quase dois terços da capixaba possuem menos de 20ha cultivados (Figura 1).



¹O autor agradece o apoio recebido de Eduardo Heron Campos (Gerente de TI do CECAFE) e da pesquisadora IEA Vera Lúcia Ferraz dos Santos Francisco (Estatística).

²Os autores constataram ainda que o investimento no cultivo de café com emprego exclusivo da colheita manual, o valor presente líquido do projeto (de 15 anos) seria negativo em R\$6.065,82, considerando preço recebido de R\$362,81 e produtividade média de 30sc/ha.

Nas duas últimas décadas, os processos desencadeadores de inovações e de desenvolvimentos tecnológicos aplicados à cafeicultura focalizaram com mais interesse as regiões de planalto (cerrados), orientando-os no sentido de poupar mão de obra e incrementar a produtividade daquela remanescente por meio da adoção generalizada de máquinas e equipamentos.³ A cafeicultura implantada em áreas de geografia mais acidentada foi, aparentemente, negligenciada desse esforço. Ademais, poucos e custosos são os equipamentos que permitem poupar mão de obra no manejo e colheita dos sistemas de cultivo em “montanha”. A maior dependência de trabalhadores rurais (temporários,



permanentes e familiares) é um dos dilemas enfrentados pelos sistemas produtivos em “montanha”.

Não existem diagnósticos precisos sobre o perfil dos cafeicultores situados nos cinturões de “montanha”. Provavelmente, a idade média desses produtores situa-se acima dos 50 anos, tendo concluído apenas o ciclo básico da formação educacional. Estudos comprovaram que agricultores desse tipo oferecem grande resistência à introdução de inovações, sendo esse fato adicional para a perda de competitividade desses estabelecimentos.

A conotação genérica para a denominada cafeicultura de “montanha” não facilita diagnósticos precisos sobre a sustentabilidade (ambiental e sócio-econômica) desses sistemas produtivos. Dados sobre a evolução da área, produção e produtividade de cinturões de “montanha” podem ser apreciados. Os resultados finais de estimativa de safra entre 2008/09 a 2012/13, não revelam grandes mudanças nos indicadores selecionados, talvez, apenas, uma ligeira evolução positiva na produtividade. (Tabela 1).

A condição de cultivo perene confere à cafeicultura relativa tendência de estabilidade de seus indicadores produtivos, estando ou não as cotações em patamares remuneradores dos fatores produtivos empregados. Portanto, sem alterações significativas capazes de promover mudanças estruturais desses cinturões na “montanha”, o ciclo de preços típico no mercado da commodity, tende a causar grandes transtornos sócio-econômicos nos territórios em que a atividade representa fonte importante na geração de emprego e renda.

TABELA 1 – Área, produção e produtividade, café arábica em produção, cinturões “montanhosos”, 2008/2009 a 2012/13

Item	2008/2009	2009/2010	2010/11	2011/12	2012/13
MG - Sul e Centro Oeste¹					
Área (mil ha)	551.471	506.468	509.687	505.201	518.082
Produção (mil sc)	12.118	9.750	12.616	10.442	13.792
Produtividade (sc/ha)	21,97	19,25	24,75	20,67	26,62
MG - Zona da Mata¹					
Área (mil ha)	336.192	317.774	320.123	319.362	326.589
Produção (mil sc)	6.893	5.989	6.635	7.439	6.621
Produtividade (sc/ha)	20,50	18,85	20,73	23,29	20,27
ES - Arábica capixaba¹					
Área (mil ha)	195.375	184.748	181.367	172.445	170.022
Produção (mil sc)	2.867	2.603	2.792	3.079	2.789
Produtividade (sc/ha)	14,67	14,09	15,39	17,85	16,40
SP - Mantiqueira²					
Área (mil ha)	51.057	53.886	54.817	53.980	54.217
Produção (mil sc)	1.040	884	1.256	1.126	1.441
Produtividade (sc/ha)	20,19	18,58	23,19	22,94	26,50
Totais na Montanha					
Área (mil ha)	1.134.095	1.062.876	1.065.994	1.050.988	1.068.910
Produção (mil sc)	22.918	19.226	23.299	22.086	24.643
Produtividade (sc/ha)	20,21	18,08	21,85	21,02	23,05

Fonte: ¹CONAB (quarto levantamento) e ²IEA (banco de dados das EDRs de Bragança Paulista e São João da Boa Vista).

² Ver RUFINO (2001).

A análise das áreas em formação nos cinturões montanhosos, também, não evidencia arrefecimento na renovação/expansão do parque cafeeiro (Tabela 2). Normalmente esses talhões em formação, possuem maior densidade de cultivo e variedades de elevado potencial genético (produtividade, qualidade, resistência/tolerância a agentes bióticos), permitindo paulatino revigoramento desses cinturões com provável incremento da produtividade dos fatores empregados.

TABELA 2 – Área de café arábica em formação, cinturões “montanhosos”, 2008/2009 a 2012/13

Item	2008/2009	2009/2010	2010/11	2011/12	2012/13
MG - Sul e Centro Oeste ¹	66.538	89.141	72.202	77.692	102.700
MG - Zona da Mata ¹	34.898	35.159	38.097	34.504	56.107
ES - Arábica capixaba ¹	8.943	15.159	15.045	14.792	15.826
SP - Mantiqueira ²	2.319	2.357	2.603	2.636	2.584
Total em Montanha	112.698	141.816	127.947	129.624	177.217

⁴O fenômeno tende mais para a renovação do que para a expansão na medida em que a área em produção exibe ligeira baixa.

Fonte: ¹CONAB (quarto levantamento) e ²IEA (banco de dados das EDR's de Bragança Paulista e São João da Boa Vista).

Entre 2008/09 e 2012/13, a relação entre área em formação sob aquela em produção revela que entre 10% (mínima de 2008) a 17% (máxima de 2012) das áreas com café passam por renovação, superando a habitual recomendação agrônômica de 5% de

renovação ao ano (em 20 anos se renova a lavoura). Esse maior dinamismo do ajuste indica que a cafeicultura na “montanha” não é um monólito estático, mas ao contrário, por diligência de seus cafeicultores, está em processo de revigoramento pautado pela introdução de tecnologia agrônômica nas lavouras (cultivares produtivas, adensamento). Em médio prazo esse esforço contribuirá para robustecer a competitividade desses sistemas produtivos.

Estudos sobre o custo operacional efetivo em lavouras de café apontam entre 40% e 60% as despesas com a alocação de mão-de-obra. Na safra 2010/11, novo cálculo do COE para o município de Manhumirim/MG (zona da mata) contabilizou 61,63% de participação relativa decorrente do emprego da mão-de-obra (OLIVEIRA et al, 2012)⁵, confirmando o quão relevante é esse desembolso na condução das lavouras.

TABELA 3 – Evolução da remuneração média da mão-de-obra rural e variação percentual, Estado de São Paulo, 2008 a 2012

Tipo	2008 (a)	2009	2010	2011	2012 (b)	Varição b-a/a(%)
Administrador (R\$/mês)	987,00	1.027,91	1.146,03	1.271,73	1.458,65	47,78
Capataz (R\$/mês)	682,37	746,02	807,05	889,77	1.009,89	48,00
Mensalista (R\$/mês)	532,49	590,13	645,92	704,05	782,99	47,04
Tratorista (R\$/mês)	706,97	767,20	838,11	933,72	1.069,57	51,29
Volante (R\$/dia)	16,79	30,11	33,69	38,71	44,02	162,18

Fonte: Instituto de Economia Agrícola – Banco de Dados IEA.

Dados do IEA confirmam o forte incremento dos custos com mão-de-obra rural no Estado de São Paulo. Ocupações de caráter mais estável (trabalhadores permanentes) tiveram elevação próxima dos 50% entre 2008 e 2012. No caso dos volantes (temporários) a elevação do montante recebido pelo trabalhador quase triplicou. Há, portanto, “descasamento” entre os mecanismos de formação de preço da commodity e o item que mais onera os custos de produção (força de trabalho) (Tabela 3).

A decisão política de estabelecer trajetória de recuperação do poder de compra do salário mínimo (SM) é irreversível e se reflete, sobretudo, nos gastos com a contratação de trabalhadores meio rural em que essa unidade de conta (SM) é usualmente empregada no cálculo dos proventos estipulados em contratos (formais e informais). Frente a essa realidade, os sistemas produtivos que absorvem maior conteúdo de trabalho vivo (pessoas) são penalizados em



relação àqueles em que o maior componente das despesas concentra-se no trabalho morto (máquinas e equipamentos).⁶ Cafeicultores em situação de “montanha” buscam inovações com potencial de poupar mão-de-obra. Embora careçam estudos mais aprofundados, dentre as mais promissoras inovações encontra-se a construção de patamares em lavouras já estabelecidas. A observação de campo, por seguidas safras, demonstra o êxito dessa drástica iniciativa que, poderia, ser maiormente difundida entre outros cafeicultores em igual situação topográfica.

A adoção dos derrigadores portáteis incrementou sensivelmente a produtividade do trabalho de colheita. Equipe composta por dois funcionários (operador da derrigadora e abanador) substitui com folga outros cinco alocados para a mesma função, porém sem o apoio do equipamento. Esse ganho em produtividade reduz os custos da operação de colheita, mesmo considerando as despesas com combustível, depreciação e maior remuneração paga a desses trabalhadores.

Recentemente, lideranças da produção delinearam ações com intuito de oferecer soluções para os dilemas da cafeicultura de montanha. Sinteticamente, dentre as diretrizes estão: a) regionalização dos preços mínimos; b) contratos de financiamentos com validade de cinco anos; c) incentivo para a renovação/erradicação de cafezais de baixa produtividade; d) desenvolvimento de maquinário de colheita apropriado para a situação de “montanha” e, e) simplificação e redução de custo para a formalização da mão-de-obra. Prevê ainda contrapartidas do segmento como: a) adoção de programa governamental de certificação sócio-ambiental e econômica das propriedades; b) forte investimento em capacitação para a gestão do negócio agrícola; c) incentivo às redes sociais de informação direcionadas ao cafeicultor e de apoio às organizações sociais de prestação de serviços econômicos (cooperativas / associações / unidades de preparo comunitárias). Trata-se, portanto, de estudo abrangente com sugestões capazes de introduzir nova dinâmica para a estrutura produtiva das lavouras em situação de “montanha”.

A recriação da parceria na produção de café, pode se constituir numa alternativa aos cafeicultores com lavouras em que a mecanização das etapas produtivas não seja viável. O parcelamento da propriedade com os próprios trabalhadores dentro de estatuto legal, que confira segurança jurídica ao empreendimento, deveria compor o rol das ações. Tal iniciativa implica em um reordenamento produtivo com reconfiguração da relação capital-trabalho em que a

autonomia decisória dos trabalhadores se fortalece. Diversas formas de colaboração podem ser imaginadas, desde aquela em que a compra de insumos e a responsabilidade sobre o preparo continuam sob coordenação do cafeicultor antigo dono, até aquelas em que apenas uma parte da safra colhida seja destinada ao pagamento da renda da terra e da exploração da lavoura.

José Saramago, único escritor de língua portuguesa laureado com prêmio Nobel de Literatura, exibe a seguinte epígrafe na abertura do livro *Levantado do Chão* – “Nessa vida se admite tudo menos a resignação”. Diante dos dilemas atuais, nenhuma das cafeiculturas brasileiras pode admitir a resignação. A de “montanha”, tampouco! Embora não existam soluções fáceis para os problemas aqui apenas alinhavados, é vital que além da mobilização dos cafeicultores, novas rotinas de gestão da produção sejam adotadas, preparando as explorações para novos tempos que podem até não ser tão duros como os de agora. 

Celso Luis Rodrigues Vegro
Eng. Agrônomo, MS Desenvolvimento Agrícola
Pesquisador Científico VI do IEA
celvegro@iea.sp.gov.br

Literatura Citada

BERNARDES, T; MOREIRA, M.A; ADAMI, M. & RUDORFF, B. F. T. Diagnóstico Físico-Ambiental da Cafeicultura no Estado de Minas Gerais – Brasil. *Coffee Science*, Lavras, v. 7, n. 2, p. 139-151, maio/ago. 2012.

CONFEDERAÇÃO Nacional da Agricultura. Proposta para viabilização da cafeicultura de montanha. Grupo de Trabalho da Cafeicultura de Montanha, Brasília, fev.2013. 6p. (mimeo).

COMPANHIA Nacional de Abastecimento (CONAB). Previsão e estimativas de safra de café. Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

FRANCISCO, V.L.F.dos; FECHINE, V.N.R., VEGRO, C.L.R. & ALMEIDA, M.B.A. Modelo estatístico e econômico para estimativa de safra brasileira de café. *Informações Econômicas*, v.40,n.12, dez.2010. 26-36p.

FREIRE, A.H.; REIS, R.P; FONTES, R.E. & VEIGA, R.D. Eficiência econômica da cafeicultura no sul de Minas Gerais: uma aplicação da fronteira de produção. *Coffee Science*, Lavras, v. 6, n. 2, p. 172-183, maio/ago. 2011.

INSTITUTO de Economia Agrícola (IEA). Banco de Dados IEA. Disponível em: <http://www.iea.sp.gov.br>

LANNA, G.B.M. & REIS, R.P. Influência da mecanização da colheita na viabilidade econômico-financeira da cafeicultura no sul de Minas Gerais. *Coffee Science*, Lavras, v. 7, n. 2, p. 110-121, maio/ago. 2012.

OLIVEIRA, D.H; FREIRE de, J. M.; ALVARENGA, G.L.; ANDRADE, FT; CASTRO JUNIOR, L.G. Evolução dos custos de produção da cafeicultura brasileira entre as safras 2007/2008 e 2010/2011. In: *Anais do 50o Congresso da SOBER. Vitória*, 22 a 25 de julho de 2012. 17p.

RUFINO, J.L.dos S. Sim! A cafeicultura de montanha é viável. Disponível em: www.redepeabirus.com.br/redes/form/post?pub_id=101406

VEGRO, C.L.R.; MARTIN, N.B; & MORICOCCHI, L. Sistemas de produção e competitividade da cafeicultura paulista. *Informações Econômicas*, v.30, n.6, p.7-44, jun.2000.

⁴O fenômeno tende mais para a renovação do que para a expansão na medida em que a área em produção exibe ligeira baixa.

⁵No caso de Guaxupé/MG simulou-se propriedade com 80ha e produtividade de 23sc/ha, enquanto em Manhumirim/MG esses parâmetros foram de 10ha com 27sc/ha.

⁶Percepção essa compartilhada com RUFINO (2011).

⁷Ver documento preparado pela Confederação Nacional da Agricultura (CNA).

⁸Alguns leitores podem não compreender as aspas colocadas sempre junto ao termo montanha. Quis o autor subentender que a terminologia talvez mais esconda do que revele aspectos cruciais da produção cafeeira nessa situação geográfica.



illycaffè anuncia vencedores do 22º Prêmio Ernesto Illy de Qualidade do Café para Espresso

O vencedor do 22º Prêmio Ernesto Illy de Qualidade do Café para Espresso foi Edio Anacleto Miranda, de Araponga (MG). O cafeicultor recebeu um cheque no valor de R\$ 50 mil por sua amostra ter sido considerada a melhor dentre as mais de 400 analisadas pela Comissão Julgadora. No total, a illycaffè distribuiu cerca de R\$ 180 mil aos concorrentes que ocuparam as melhores colocações nas edições nacionais e nas regionais — em 22 anos, a empresa já concedeu mais de R\$ 4 milhões.

Raimundo Martins ficou em segundo lugar e foi premiado com R\$ 35 mil; Dimas Mendes Bastos foi o terceiro e recebeu R\$ 18 mil; seguido por Antônio Bittencourt Ramos, agraciado com R\$ 9 mil. Assim como o ganhador, todos são da região de Matas de Minas. Luiz Roberto Moreira Ribeiro, de Virgínia (Sul de Minas), conquistou a quinta posição e ganhou R\$ 5 mil como prêmio. Os produtores que ocuparam da 6ª à 40ª colocação ganharam R\$ 1.200.

Além dos vencedores da edição nacional, foram premiados dois ganhadores regionais: Chapada de Minas — Eduardo Shiniti Yamaguchi, seguido por CBI Agropecuária; Cerrado Mineiro — Marcos Cezar Miaki e Clóvis Carvalho Filho; Matas de Minas — Edio Anacleto Miranda e Raimundo Martins; Sul de Minas — Luiz Roberto Moreira Ribeiro e Sebastião Márcio Pereira Nogueira; Estado de São Paulo — Carlos André Dognani e Mário César Ferrari; região Centro-Oeste - Luiz Carlos Figueiredo. O melhor colocado em cada uma dessas localidades recebeu R\$ 2 mil e o segundo, R\$ 1.200.

“A edição Regional foi a grande novidade deste ano, que teve como objetivo proporcionar uma maior participação de produtores de todo o Brasil. Recebemos amostras de todas as áreas participantes. Vamos continuar estimulando a participação desses fornecedores, ajudando-os no que for necessário para que possam obter um café de qualidade”, afirmou Andrea Illy, CEO da illycaffè, durante o seu discurso.

A escolha dos melhores cafés foi feita por uma comissão julgadora, com especialistas nacionais e internacionais, por meio de testes com equipamento de luz ultravioleta e pela classificação do grão quanto ao aspecto, seca, cor, tipo, teor de umidade, torração e quanto à qualidade da bebida, com degustação para espresso.

Ainda durante a cerimônia de entrega, os classificadores com mais amostras selecionadas entre os finalistas foram premiados. O primeiro lugar, Wellington Carlos Pereira, recebeu R\$ 3.500; o segundo, Edivaldo Batista Generoso, R\$ 2.500; o terceiro, Ednilson de Oliveira Cabral, R\$ 1.500; e o quarto, Valdeci Miguel Rodrigues, R\$ 1.000. €

Antonio Carreiro



Claudio Martins Belo, Giuseppe Taccari, Raimundo Martins, Elmiro do Nascimento



Andrea Illy

Antonio Carreiro

“Café, da produção ao consumo” é tema de diálogos da Universidade do Café Brasil

A Universidade do Café Brasil – UCB promoveu, em São Paulo-SP, a segunda edição dos Diálogos Universidade do Café Brasil discutindo o tema “Café, da produção ao consumo”. O evento contou com a participação do gerente geral da Embrapa Café, Gabriel Bartholo, do diretor geral do CeCafé, Guilherme Braga; do dirigente da Illycaffè, Andrea Illy, e dos professores da USP, Decio Zylbersztajn (Economia) e Samuel Giordano, (Sustentabilidade nos Agronegócios e Responsabilidade Socioambiental).

O objetivo do evento é melhorar a comunicação entre pesquisa e ensino, indústria, setor produtivo e comunidade cafeeira, contribuindo também para a geração e difusão de conhecimento. A realização é da Universidade do Café Brasil, do Centro de Conhecimento em Agronegócios – PENSA, da Fundação Instituto de Administração - FIA, Illycaffè e Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo - USP.



Arquivo CeCafé

Marketing rural

sapatos velhos. Alguém que, durante a época de plantio e de colheita encerre suas 40 horas de trabalho semanais na terça-feira ao meio-dia e passe mais 72 horas pensando em cima do trator".

Então, Deus fez o agricultor.

Deus disse, "Preciso de alguém forte o suficiente para derrubar árvores e empilhar fardos, mas ainda gentil o suficiente para aparar cordeiros recém-nascidos, desmamar porcos e cuidar de galinhas, que seja capaz de parar seu trabalho por uma hora para cuidar de perna quebrada de passarinho. Deve ser alguém capaz de arar fundo, reto e sem moleza. Alguém que semeie, capine, alimente, crie, e dome, e are, e plante, e transforme lã em linha e coe leite. Alguém que mantenha uma família unida com a partilha de laços fortes. Alguém que sorria, e depois olhe e agradeça com um sorriso nos olhos quando seu filho diga que quer passar o resto da vida fazendo o que seu pai faz".

Então, Deus fez o agricultor.

Os EUA jamais deixaram de prestigiar seus agricultores, os colonizadores. Ruralismo, por lá, soa positivo, mesmo que bucólico em certas situações. Sempre se cultivou nos EUA o hábito de venerar a origem da nação, os empreendedores de outrora. Não difere muito do que ocorre na Europa, onde os produtores rurais são protegidos, fartamente subsidiados, para que mantenham bela a paisagem, protejam o modo de vida, defendam a cultura originária e estimulem o turismo campestre. Nos países desenvolvidos a moderna sociedade curte o berço do passado.

Carnaval do Rio de Janeiro. Na madrugada da folia, em plena Marquês de Sapucaí, a escola de Vila Isabel desfila sob o inusitado enredo A Vila canta o Brasil celeiro do mundo - Água no feijão que chegou mais um. O público se levanta, aplaude, dança, se entusiasma. Incrível. A agricultura brasileira, homenageada, indiretamente se sagrou campeã do carnaval carioca.

O lindo samba, de autoria de Arlindo Cruz, Martinho da Vila, André Diniz, Tunico da Vila e Leonel, ganhou os corações citadinos enaltecendo a lide rural. A letra fala por si.

Duas fantásticas homenagens foram recentemente prestadas aos agricultores. A primeira foi em New Orleans, nos Estados Unidos, durante o intervalo do Super Bowl, a final do campeonato de futebol americano. A segunda desfilou na passarela do carnaval carioca. Ambas atingiram, em todo o mundo, milhões de pessoas.

28

O longo comercial veiculado nos EUA aproveitou a maior audiência da televisão para reproduzir imagens retratando a vida no campo, sob a narração, esplêndida, de um texto elaborado em 1978 pelo radialista Paul Harvey. O vídeo é emocionante. Oferecida ao agricultor existente "dentro de cada um de nós", quase uma oração, intitulada E Deus fez o agricultor, prendeu a atenção dos ouvintes.

A seguir, sua tradução livre.

E no oitavo dia, Deus olhou para seu paraíso e disse: "Preciso de alguém que cuide desse lugar".

Então, Deus fez o agricultor.

Deus disse: "Preciso de alguém disposto a levantar antes do amanhecer, tirar leite, trabalhar o dia inteiro, tirar leite novamente, jantar e ir até à cidade e ficar até depois da meia-noite numa reunião de conselho escolar".

Então, Deus fez o agricultor.

Deus disse: "Preciso de alguém disposto a passar a noite acordado cuidando de um potro recém-nascido, vê-lo morrer e enxugar os olhos e dizer 'talvez ano que vem'. Preciso de alguém que possa transformar um tronco de árvore num cabo de machado, ferre um cavalo com um pedaço de pneu usado, que possa fazer um arreio com pedaços de arame, sacos de ração e

O galo cantou/ com os passarinhos no esplendor da manhã/ agradeço a Deus por ver o dia raiar/ o sino da igreja vem anunciar/ preparo o café, pego a viola, parceira de fé/ caminho da roça e semear o grão/ saciar a fome com a plantação/ é a lida.../ arar e cultivar o solo/ ver brotar o velho sonho/ alimentar o mundo, bem viver/ a emoção vai florescer

Ô muié , o cumpadi chegou/ puxa o banco, vem prosear/ bota água no feijão, já tem lenha no fogão/ faz um bolo de fubá

Pinga o suor na enxada/ a terra é abençoada/ preciso investir, conhecer/ progredir, partilhar, proteger.../ cai a tarde, acendo a luz do lampião/ a lua se ajeita, enfeita a procissão/ de noite, vai ter cantoria/e está chegando o povo do samba/ é a Vila, chão da poesia, celeiro de bamba/ Vila, chão da poesia, celeiro de bamba

Festa no arraíá,/ é pra lá de bom/ ao som do fole, eu e você/ a Vila vem plantar felicidade no amanhecer.

Aqui, no Brasil, ao contrário dos EUA, os agricultores costumam ser tratados com certo desdém pela sociedade urbana, que enxerga os homens do campo, depreciativamente, como "caipiras". Vem de longe tal desprestígio, cujas razões nunca foram devidamente explicadas. Certamente o rápido e maciço êxodo rural

contribuiu para gerar essa imagem negativa. O moderno erguia-se na cidade e agricultura virou sinônimo de atraso.

O ambientalismo recente tem dado lenha para essa visão distorcida sobre o campo. Começa pelo desmatamento. Antes, desmatar era sinônimo de progresso e todas as nações ricas ocuparam a totalidade das suas áreas agriculturáveis. Agora, porém, a preocupação com a biodiversidade rema contra a expansão agrícola. O Brasil, que ainda dispõe de muita terra boa para explorar, ficou na contramão do relógio da História. Derrubou, leva bordoadada.

Futebol americano, carnaval, agricultura, a criação divina. Misturados com boas doses emoção e alegria, esses díspares elementos resultaram em espetaculares lances de marketing rural, valorizando os agricultores, seu labor, sua cultura. Oxalá a comunicação entre os mundos urbano e rural flua mais fácil a partir de agora.

Caipira, sim, com muito orgulho. E respeitado. €

*Francisco Graziano
Agrônomo, foi secretário do Meio Ambiente
do Estado de São Paulo
e-mail: xicograziano@terra.com.br*



CORREÇÃO DO SOLO E ADUBAÇÃO PARA AUMENTAR A LUCRATIVIDADE DO CAFEZAL

Aprenda a aplicar os fertilizantes de forma a garantir maior lucratividade

É possível que o cafezal tenha altas produções, com média de 4 anos, e produza café de boa qualidade. Sabe como? Aprendendo a quantificar a fertilidade do solo, corrigi-lo de forma eficiente, adubá-lo e aplicar os fertilizantes de forma a garantir maior lucratividade.

Instrutor: André Guarçoni Martins, engenheiro agrônomo, doutor em solos e nutrição de plantas.

Início: 10/06/2013

facebook.com/cursosagripoint
twitter.com/cursosagripoint

Para mais informações e inscrições, acesse:
www.agripoint.com.br/curso/adubacao-cafe
ou ligue: (19) 3432-2199



Fenicafé reúne grande número de produtores



Solenidade de abertura

Heqnitique Vieira

Teve início (20/03) em Araguari no Triângulo Mineiro, mais uma edição da Fenicafé – Feira Nacional de Irrigação em Cafeicultura, evento que reúne três grandes encontros: o XVIII Encontro Nacional de Irrigação da Cafeicultura no Cerrado, a XVI Feira de Irrigação em Café do Brasil e o XV Simpósio de Pesquisa em Cafeicultura Irrigada.

30

O objetivo da Fenicafé é divulgar a importância da irrigação e seus sistemas, mostrando lançamentos de produtos e equipamentos, bem como os resultados de pesquisas para o incremento da produtividade e da qualidade do café do cerrado brasileiro. Tendo como público alvo, produtores, empresários, comunidade científica, estudantes e comerciantes ligados à cafeicultura brasileira.

A Feira de Irrigação em Café do Brasil reuniu mais 60 expositores que ocuparam os 90 stands da feira. Foram proporcionados palestras, seminários e workshops, para produtores, técnicos, pesquisadores e lideranças do agronegócio. Foi a oportunidade para os cafeicultores e técnicos tomarem conhecimento dos resultados das pesquisas e também apontarem demandas para novos estudos. Por possibilitar um melhor aproveitamento de terras aparentemente inaproveitáveis para a agricultura e reduzir os riscos de quebra de safra, a irrigação é a tecnologia que tem despertado maior interesse para investimentos.

Prestigiaram a solenidade de abertura da Fenicafé, o Secretário de Agricultura, Pecuária e Abastecimento de Minas Gerais, Elmiro Nascimento; o Secretário de Agricultura do Estado de Goiás, Antônio Flávio Camilo de Lima; o prefeito de Araguari, Raul José de Belém; o Secretário Nacional de Irrigação, Guilherme Augusto Orair; o Diretor Executivo da OIC, Robério de Oliveira Silva; o diretor do departamento de café da Secretaria

de Produção e Agroenergia do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Edilson Alcântara; o diretor geral do CeCafé, Guilherme Braga; o Presidente do CNC, deputado federal Silas Brasileiro; o presidente da Federação dos Cafeicultores do Cerrado, Francisco Sérgio de Assis; o Assessor especial do gabinete do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Aguinaldo José de Lima; o presidente da Associação dos Cafeicultores de Araguari (ACA), Nivaldo Souza Ribeiro; o deputado federal Luiz Humberto Carneiro; o deputado estadual Lafayette Andrada; além de outras autoridades e personalidades regionais.

O ponto central do primeiro dia de reunião foi o Fórum: Irrigação no Brasil: diretrizes e desafios, tendo como o palestrante Guilherme Augusto Orair – Secretário Nacional de Irrigação do Ministério da Integração Nacional. Em seguida houve um debate para discutir soluções e inovações para o setor. €

Heqnitique Vieira



O presidente Nivaldo Souza recebe personalidades



O valor das florestas brasileiras

Os benefícios da redução do desmatamento são inegáveis. O valor das florestas, não só em termos de emissões evitadas de gases de efeito estufa, mas traduzidos na forma da conservação dos recursos da biodiversidade, solo, água e clima, são cada vez mais valorizados em todo o mundo, pois beneficiam toda a sociedade.

Projetos de Redução de Emissões por Desmatamento e Degradação, conhecidos pela sigla “Redd plus”, começam a ser implementados nos países ricos em florestas, mas ainda em uma escala muito pequena. Estima-se que no Brasil US\$ 231 milhões foram doados para fomentar projetos dessa natureza.

Como as florestas são reservatórios de carbono, mantê-las em pé é um dos mantras das políticas de mudanças do clima e das negociações da Convenção. No entanto, a lógica de projetos Redd plus é a doação de recursos para que as florestas sejam preservadas, preferencialmente em grandes áreas públicas ou terras indígenas.

Como até 2020 as metas brasileiras são voluntárias, não parece factível imaginar que a redução do desmatamento e, conseqüentemente, a manutenção do carbono nas florestas e no solo terão algum valor no futuro. Além disso, carbono florestal é um tema delicado quando se trata de cumprir metas de redução de emissões.

Isso exige que o Brasil aprove uma lei que incentive, de forma concreta, projetos Redd plus abrangendo não só terras indígenas e Unidades de Conservação, mas também áreas privadas. Para que as florestas brasileiras passem a ter valor, o que vai muito além de projetos de manejo florestal e coleta de frutos e outros recursos naturais, o governo precisa criar programas de pagamentos por serviços ambientais que premiem quem conserva e recompõe a vegetação nativa.

Esperar que o imenso estoque de carbono florestal se transforme em recursos no futuro é uma estratégia arriscada e fadada ao fracasso. Os benefícios sociais gerados pelas florestas exigem remodelar o enfoque das políticas brasileiras, a fim de transformar as florestas e seus recursos em bens que na prática tenham valor concreto. €

Rodrigo Lima, advogado, é gerente-geral do Instituto de Estudos do Comércio e Negociações Internacionais (Icône)

O Brasil tem 554 milhões de hectares de vegetação nativa, o que representa quase 65% da área do país. Desse total, 107 milhões são Unidades de Conservação, aproximadamente 104 milhões são terras indígenas regularizadas, 274 milhões são áreas de vegetação existentes nas fazendas – Áreas de Preservação Permanente (APPs), áreas de Reserva Legal e outros remanescentes – e 69,5 milhões representam outras áreas de vegetação nativa.

Dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) mostram que entre 2004 e 2012 o desmatamento na Amazônia Legal caiu 83%, ficando em 4.656 km². Considerando que a redução do desmatamento é a base das metas voluntárias assumidas pelo Brasil perante a Convenção Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças do Clima, é plausível dizer que as metas serão cumpridas antes do prazo, que é 2020.

A meta também compreende a redução do desmatamento no Cerrado, a adoção de práticas de baixo carbono na agricultura, o aumento da área de florestas plantadas e do uso de carvão vegetal renovável, a expansão do uso de etanol e biodiesel, dentre outras ações que compõem a Política Nacional sobre Mudança do Clima.

Entre 2013 e 2015 as negociações da Convenção do Clima serão voltadas para a criação de um novo acordo, nos moldes do Protocolo de Kyoto, que obrigue ao menos os principais países emissores a adotar metas de redução de emissões. Assumindo que o Brasil é um potencial candidato a ter metas, é essencial ponderar se o imenso estoque florestal brasileiro poderá ter algum valor em um futuro acordo.



Valtter Jossi Wagner

O Controle de Atividades Financeiras e a Resolução 24/2013 do COAF

Alguns esclarecimentos e discussões

32

Por força da Lei n. 9.613/98, que dispõe sobre os crimes de “lavagem” ou ocultação de bens, direitos e valores, bem como a previsão da utilização do sistema financeiro para os ilícitos, criou-se o Conselho de Controle de Atividades Financeiras – COAF.

Este Conselho pertence ao Ministério da Fazenda e tem por finalidade disciplinar, aplicar penas administrativas, receber, examinar e identificar as ocorrências suspeitas de atividades ilícitas.

Entre as competências de incumbência do COAF, segundo art. 16, § 1º, da Lei n. 9.613/98, está emitir instruções referidas em seu art. 10 para as pessoas mencionadas no art. 9º, para as quais não exista órgão próprio ou regulador.

Bem por isso, houve a emissão da Resolução n. 24, de 16 de janeiro de 2013, com vigência a partir de 1º de março de 2013, dispondo sobre os procedimentos a serem adotados pelas pessoas físicas ou jurídicas não submetidas à regulação de órgão próprio regulador que prestem, mesmo que eventualmente, serviços de assessoria, consultoria, contadoria, auditoria, aconselhamento ou assistência.

Segundo art. 1º, ao tratar do alcance de referida Resolução, ela teria por objetivo estabelecer normas gerais de prevenção à lavagem de dinheiro e ao financiamento do terrorismo, sujeitando-se ao seu cumprimento as pessoas físicas ou jurídicas não

submetidas à regulação de órgão próprio regulador que prestem, mesmo que eventualmente, serviços de assessoria, consultoria, contadoria, auditoria, aconselhamento ou assistência, de qualquer natureza, nas operações de compra e venda de imóveis, estabelecimentos comerciais ou industriais ou participações societárias de qualquer natureza, de gestão de fundos, valores mobiliários ou outros ativos, de abertura ou gestão de contas bancárias, de poupança, investimento ou de valores mobiliários, de criação, exploração ou gestão de sociedades de qualquer natureza, fundações, fundos fiduciários ou estruturas análogas; financeiras, societárias ou imobiliárias; e de alienação ou aquisição de direitos sobre contratos relacionados a atividades desportivas ou artísticas profissionais.

Já neste artigo temos um dado muito relevante no sentido de se apreciar a quem se aplica esta medida. Entendemos que seu alcance atinge tais operações, quando tais pessoas jurídicas ou físicas não estejam submetidas em suas atividades à regulação de órgão próprio regulador. A título exemplificativo, os advogados, quando do exercício de sua atividade, estão regulados pela Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), de maneira que não poderiam estar submetidos às imposições desta regulação do COAF.

Há a imposição para que as pessoas físicas e jurídicas submetidas à presente Resolução, salvo as optantes pelo Simples Nacional, estabeleçam política de

prevenção à lavagem de dinheiro e ao financiamento do terrorismo, estabelecendo alguns procedimentos mínimos de controle, como à identificação e realização de devida diligência para a qualificação dos clientes e demais envolvidos nas operações que realizarem, à obtenção de informações sobre o propósito e a natureza da relação de negócios, à identificação do beneficiário final das operações que realizarem, entre outras.

Em razão da necessidade de se estabelecer políticas de prevenção à lavagem e terrorismo, exige o art. 4º que se mantenha cadastro dos seus clientes e demais envolvidos nas operações que realizarem, bem como a manutenção do registro destas, constando, no mínimo, identificação do cliente, descrição pormenorizada do, valor do serviço prestado ou da operação realizada, data da prestação do serviço ou da realização da operação, forma de pagamento, meio de pagamento e o registro fundamentado da decisão de proceder ou não às comunicações de que trata o art. 9º, bem como das análises de que trata o art. 3º.

A partir dos controles e cadastros mencionados, caberá à pessoa jurídica ou física submetida à Resolução comunicar ao COAF no caso de operações suspeitas (art. 9º - por exemplo: operação que aparente não ser resultante de atividades ou negócios usuais do cliente ou do seu ramo de negócio, operação cuja origem ou fundamentação econômica ou legal não sejam claramente aferíveis, operação incompatível com o patrimônio ou com a capacidade econômico-financeira do cliente), bem como nas hipóteses expressamente descritas no art. 10 (por exemplo, qualquer operação que envolva o pagamento ou recebimento de valor igual ou superior a R\$ 30.000,00 ou equivalente em outra moeda, em espécie, inclusive a compra ou venda de bens móveis ou imóveis que integrem o ativo das pessoas jurídicas de que trata art. 1º).

Tais comunicações devem ser encaminhadas nas hipóteses acima descritas ao COAF por meio eletrônico no site www.coaf.fazenda.gov.br, as quais serão protegidas por sigilo. Na hipótese de somente se constatar após o encerramento do ano civil tais fatos, é preciso enviar a comunicação até 31 de janeiro do ano seguinte.

Caso não se cumpra tais determinações de comunicação nas hipóteses estabelecidas, há previsão legal no art. 12 da Lei n. 9.613/98, para a imposição de sanções, inclusive de forma cumulativa, respeitando o contraditório, notadamente: I - advertência; II - multa pecuniária variável não superior: a) ao dobro do valor da operação; b) ao dobro do lucro real obtido ou que presumivelmente seria obtido pela realização da operação; ou c) ao valor de R\$ 20.000.000,00 (vinte milhões de reais); III - inabilitação temporária, pelo prazo de até dez anos, para o exercício do cargo de

administrador das pessoas jurídicas referidas no art. 9º; IV - cassação ou suspensão da autorização para o exercício de atividade, operação ou funcionamento.

Esclarece, ainda, a Resolução o prazo para o arquivamento de documentos relacionados às operações e informações, que será de 05 anos.

Apesar da relevância e louvável finalidade pretendida com a emissão da Resolução 24/2013 do COAF, não se pode negar que este ato gera significativa insegurança jurídica, uma vez que: (i) – a amplitude e as pessoas que estão submetidas a tais obrigações não são de fácil identificação, basta lembrarmos a discussão no tocante aos advogados; (ii) – as hipóteses que exigiriam a comunicação ao COAF são de uma vagueza e amplitude conceitual muito aberta, levando à frequente dúvida quanto à necessidade ou não de envio da informação; (iii) - as penalidades são severas e, até desproporcionais, especialmente, diante da indeterminação normativa das hipóteses de comunicação e das pessoas submetidas à presente resolução, razão pela qual há de ser medida excepcional e aplicada do parcimônia, sob pena de causar punições injustas, irrazoáveis e desproporcionais.

Não olvidemos, ainda, que a inserção e o envio de tais informações, mesmo que protegidas pelo sigilo, podem, ainda, violar direitos fundamentais, em especial, vida privada, sigilo de dados, entre outros, conforme art. 5º da Constituição Federal.

Portanto, embora protetora de valores de grande importância, combatendo o terrorismo e a lavagem de dinheiro, não pode ser aplicada de maneira desmedida, além de ser necessário, ainda, ajustes a fim de que se torne mais clara e segura para aquele que restará submetido às suas determinações. €

Fábio Pallaretti Calcini
Mestre e Doutorando em Direito Constitucional pela PUC/SP
Especialista em Direito Tributário pelo IBET
Especialista em Direito Tributário Internacional pela Univ.
Salamanca – ESP.
Advogado
Sócio do escritório Brasil
Salomão e Matthes Adv.
Professor de Graduação e Pós-Graduação (FAAP, IBET,
PUC/SP, EPD, UNISEB, entre outras)



34

FEMAGRI 2013 supera expectativas de público

A 12ª edição da FEMAGRI - Feira de Máquinas, Insumos e Implementos Agrícolas - realizada pela COOXUPÉ apresentou novidades em seus 141 estandes instalados numa área de 19 mil metros quadrados cobertos. A feira recebeu um grande público: aproximadamente 23 mil pessoas passaram pelo recinto, superando o número da edição passada.

Um dos principais eventos com foco nas novas soluções de mecanização e, conseqüentemente, aumento da produtividade das lavouras cafeeiras, acontece na próxima semana no município de Guaxupé, Sul de Minas Gerais, um dos maiores polos de produção do grão do país.

Ainda na apuração dos valores gerados em negócios, a COOXUPÉ acredita que a movimentação de operações comerciais na FEMAGRI 2013 chegará próxima a do ano

passado, quando atingiu a marca R\$ 70 milhões. Uma das iniciativas da cooperativa para incentivar seus cooperados foi o sistema próprio de financiamento, em que o produtor teve a possibilidade de parcelar suas compras, utilizando o seu café das safras de 2013, 2014 e 2015, como moeda de troca.

Segundo Carlos Alberto Paulino da Costa, apesar do mercado cafeeiro estar passando por um momento não muito favorável, os produtores de café entenderam a proposta da FEMAGRI e estão apostando na mecanização da lavoura. "Para a cooperativa isso representa que o nosso objetivo foi atendido, mostrando aos cafeicultores que o manejo mecanizado permite redução de custo e, em contrapartida, aumenta a competitividade do grão que produzem", afirma o presidente. €



Divulgação



Carlos Paulino

Divulgação

Pinhalense lança, com exclusividade na FEMAGRI, beneficiadora de café para pequenos produtores

Arquivo Pinhalense



Maquinário da Pinhalense exposto na FEMAGRI 2013 traz opções para o pequeno produtor

Reconhecida pelo desenvolvimento de tecnologia para o processamento de grãos e parceira da Cooxupé há mais de 30 anos, a Pinhalense, uma das expositoras da FEMAGRI, lançou durante o evento a DESC-10, máquina beneficiadora de café voltada para os pequenos produtores.

Atraindo a atenção dos produtores que buscam possibilidades para mecanizar suas lavouras, a DESC-10 já foi adquirida por cooperados da Cooxupé durante a feira ao custo de R\$ 25 mil. Indicada para cafeicultores que colhem aproximadamente 500 sacas por safra, esta beneficiadora de café concentra o catador de pedras, o descasque e a ventilação dos grãos, além de consumir menos energia.

A DESC-10 possui os mesmos recursos e princípios da beneficiadora de café conjugada, que é apropriada para produtores de médio e grande porte e que produz 20 sacas/hora. A conjugada também foi exposta na FEMAGRI e pode ser adquirida pelo valor de R\$ 36 mil.

Prof^a. Leila Vilela Alegrio

Localizada num ponto bastante estratégico, a poucos quilômetros do centro da cidade de Barra Mansa, no Rio de Janeiro, e da cidade de Bananal, no estado de São Paulo, com saídas para os portos de Angra dos Reis, Parati e Mangaratiba, a fazenda da Bocaina teve, ao longo de sua existência como produtora de café, poderosos fazendeiros.

O primeiro proprietário, Domiciano de Oliveira Arruda, era filho de um dos mais ilustres fazendeiros de Bananal, Braz de Oliveira Arruda, que, ao falecer, deixou para sua esposa dona Alda Maria Florinda Nogueira e os 14 filhos, uma grande fortuna.

Os casamentos no início do século XIX, em sua maioria, eram destinados a formar alianças parentais, sempre com o objetivo de somar as fortunas e o poder. Brás de Oliveira Arruda, que se nobilitou pela fortuna amealhada na economia mercantil de subsistência e investimentos no plantio de café, usou desta estratégia para casar três irmãos de dona Alda com membros importantes da família Barbosa da Silva, de Sabará, Comarca do Rio das Velhas, assim como fez com seu

filho Domiciano, casando-o com dona Feliciano Barbosa da Silva, filha do dono da fazenda Bom Retiro, localizada em Bananal — e é provável que a partir de então os recém-casados tenham fixado raízes na fazenda da Bocaina.

Essas são histórias da grande maioria dos fazendeiros “de serra acima”, que, como donatários ou herdeiros de sesmarias, adquirem mais terras e tornam-se grandes latifundiários; e alguns deles senhores rurais de prestígio na sociedade daquela época.

Domiciano administra sua fazenda até seu falecimento, em 1849, período no qual a produção de café no Rio de Janeiro começa a atingir maior produção. Segundo consta, ele possuía mais de 300 escravos, exportava café e a fazenda produzia mais de 10 mil arrobas em grãos de boa qualidade, produzidas por mais de 500 mil pés de café.

36



Fazenda da Bocaina e seu

A viúva, dona Alda Maria, algum tempo depois casa-se em segundas núpcias com um suíço de nome Gustavo de Coppet, que deve ter impulsionado a vocação cafeeira da fazenda, se considerarmos que numa subscrição promovida na freguesia do Espírito Santo, município de Barra Mansa, em 1863, como publica o jornal A Actualidade, o então comendador Gustavo doa ao casal 600 mil réis, e sua esposa, dona Feliciano, 500 mil réis, respectivamente, totalizando um conto e cem mil réis, uma quantia considerável.

Mas dona Feliciano decide vender a fazenda ao comendador Manoel de Aguiar Vallim, passando-a assim para as mãos do mais importante fazendeiro do município de Bananal, proprietário da lendária fazenda Resgate e das fazendas Três Barras e Independência, além de outros sítios.

De 1865 a 1879, o Almanak Lammert assinala a fazenda Bocaina como uma das propriedades do comendador Manoel de Aguiar Valim, embora saibamos que o comendador falecera em 1878.

Nessa ocasião, a fazenda possuía 179 cativos.

Já no início do século XX, segundo o recenseamento de 1920, a fazenda pertencia ao senhor William Lowry. €



s poderosos proprietários

15 anos, 1 milhão de visitantes

Inaugurado em 1998, o Museu do Café foi criado com o objetivo de preservar e divulgar a histórica relação entre o café e o Brasil

No dia 12 de março, o Museu do Café completou 15 anos de atividade e chegou a 1 milhão de visitantes. Para celebrar essa importante data, a equipe do Museu preparou uma programação que se estendeu durante uma semana. Iniciando a programação, seis atores caracterizados de personagens do café, caminharam pelo centro da cidade interagindo e convidando a população para uma visita gratuita ao Museu no dia seguinte.

Além do emblemático Salão do Pregão e da exposição de longa duração “A trajetória do café no Brasil”, o público participou da “Visita Curiosa” e “Um olhar em perspectiva”, atividades para famílias desenvolvidas pelo setor educativo, além de assistir a apresentação do quarteto Tirolli Dixieland, grupo especializado em jazz ao estilo de Nova Orleans, e da renomada Orquestra Instituto Grupo Pão de Açúcar para uma apresentação no Salão do Pregão. Encerrando as comemorações, foi disponibilizado aos visitantes vestimentas, acessórios e um cenário, permitindo que se caracterizassem para uma foto de época. €

Karlma Frey



Visitantes em pose de época

38

Exposição “Fazendas Paulistas: Patrimônio Cultural Rural”



Tadeu Nascimento

As antigas fazendas paulistas constituem hoje um patrimônio de inestimável valor, dispendo de informações que retratam o desenvolvimento e história do Brasil. São como cenários, que demonstram importantes aspectos do século XIX, época em que o café era o protagonista da economia do País. Parte dessas valiosas fazendas, algumas também do século XVIII, estão expostas na nova exposição temporária do Museu do Café, instituição da Secretaria de Estado da Cultura, “Fazendas Paulistas: Patrimônio Cultural Rural”.

A mostra relata por meio de fotografias, textos e objetos, o passado e o presente de dezesseis fazendas históricas do interior de São Paulo. A arquitetura, decoração, os espaços de produção e transformação do café, e a maneira de vida das famílias proprietárias e dos trabalhadores, compõem diferentes formas de leitura sobre a história do café, do Estado e do País. A exposição conta com imagens de fazendas paulistas, distribuídas em regiões do Estado que abrangem as cidades de Queluz, São José do Barreiro, Lorena, Itu, Limeira, Cajuru, Mococa, Santa Cruz das Palmeiras, Descalvado, Pinhal, São Carlos, Dourado e Jaú. €

Marília Bonas,
Prof. Marcos Tognom e
Eduardo Carvalhaes



Tadeu Nascimento

do Café

Projeto “Museu do Café vai à praia” foi sucesso no verão



Karina Frey

Tenda do Museu do Café

O projeto “Museu do Café vai à praia”, realizado em parceria com a Prefeitura Municipal de Santos, levou um pouco da história do café e das atividades do Museu para a orla da cidade. A programação de verão foi gratuita, realizada em uma tenda personalizada na praia do Gonzaga, em Santos. Entre as diversas atrações, o Museu do Café preparou atividades educativas, oficinas, degustação de drinks de café e exposição institucional.

Os destaques foram as atividades educativas e os jogos temáticos que divertiram as crianças que passavam pela tenda. Para quem gostava de apreciar um bom café, um barista do Museu deu dicas de preparo do produto e ofereceu degustação de drinks gelados em horários específicos. Além de provar a bebida, o visitante pôde conhecer um pouco mais da história do café por meio de objetos históricos e painéis ilustrativos, expostos durante a tarde, na Tenda da Prefeitura. €

Ação
educativa



Karina Frey



Karina Frey

Panorama da Visita Curiosa

“Visita Curiosa” e “Um olhar em perspectiva” oferecem ao público novidades durante a visitação

39

Desde fevereiro, o Museu do Café proporciona aos seus visitantes duas novas modalidades de monitoria, a “Visita Curiosa” e “Um olhar em perspectiva”, criadas com a proposta de atender crianças e adultos, respectivamente. A “Visita Curiosa”, direcionada ao público infantil (de 08 a 13 anos), tem duração de 1h30 e consiste na monitoria da parte interna e externa do edifício da Bolsa Oficial de Café. Após o passeio, onde o educador apresenta diversas curiosidades sobre o Museu e a história do café, as crianças participam de uma atividade artística para expressar aquilo que aprenderam. Também com duração de 1h30, a visita “Um olhar em perspectiva” é voltada para o público adulto, e tem como foco a arquitetura do prédio da Bolsa. Ao final do passeio, o grupo ainda participa de uma atividade fotográfica para apresentar os diferentes olhares de cada detalhe do edifício. Programadas para acontecerem na mesma data e horário, as visitas possibilitam que pais e filhos descubram o museu com linguagens diferentes. €

ENCONTRO DE MULHERES DO CAFÉ NA GUATEMALA



Arquivo IWCA Brasil

Paula Dulgheroff, barista, Brígida Salgado, produtora de cafés orgânicos de biodinâmicos de Piatã/BA, Josiane Cotrim, presidente da IWCA Brasil, Ana Cláudia Vieira, provadora e Q grader da Unicafé

Qualquer evento internacional sobre café sem a presença do Brasil carece de representatividade. Maior produtor, maior exportador e segundo maior consumidor de café do mundo, o Brasil tem um peso internacional que não pode ser desprezado.

40

Daí a importância da participação das brasileiras na III Convenção da International Women's Coffee Alliance - IWCA, na Cidade da Guatemala de 7 a 9 de fevereiro passado. Na ocasião, comemorou-se os 10 anos de criação da entidade que acaba de chegar ao Brasil.

Durante três dias, o edifício da Asociación Nacional del Café - ANACAFÉ, na Calle del Café, foi palco de um encontro que reuniu participantes do mundo todo. Palestras atuais, rodadas de negócios e provas de cafés de diferentes origens foram realizadas por especialistas no respeitado laboratório da associação. Uma oportunidade única para as brasileiras que puderam trocar experiências, aprender e estabelecer contato com profissionais que viajaram até a Guatemala vindos de 22 países diferentes entre eles Índia, Filipinas, Burundi, Estados Unidos e Japão.

Apesar do pouco tempo de atuação no país, a IWCA Brasil já tem pelo menos uma contribuição para apresentar ao setor cafeeiro. Na Cidade da Guatemala, as brasileiras receberam as primeiras edições dos cartazes da Roda dos Aromas e Defeitos do Café impressos em português. Resultado do entendimento com a SCAA - Specialty Coffee Association of America, esse é um primeiro projeto realizado pela IWCA Brasil. O material que só existia em inglês e espanhol, será agora traduzido para o português e será acessível a todo o mundo lusófono.

A IWCA Brasil está comprometida em incentivar o desenvolvimento profissional das mulheres envolvidas nos diversos setores do negócio café, inclusive através da participação em conferências dirigidas a fortalecer nossa cultura empreendedora. €

Josiane Cotrim Macieira
Presidente IWCA Brasil

Governo de Minas lança dois grandes projetos durante evento na UFLA

Durante o Seminário "Gestão do Desenvolvimento Local e Possibilidades de Parcerias entre a UFLA e as Prefeituras Municipais", na Universidade Federal de Lavras, o Governo de Minas Gerais lançou dois projetos de impacto da cafeicultura mineira.

Foi assinada na presença de três secretários de Estado (Narcio Rodrigues, Carlos Melles e Olavo Bilac Pinto), a ordem de serviço para o início da construção da Agência de Inovação do Café, que será sediada na UFLA.

O outro projeto que foi conveniado na presença do Secretário Adjunto de Agricultura de Minas Gerais, Paulo Romano, é o Georeferenciamento da cafeicultura mineira. O Georeferenciamento ou inventário do café será coordenado pela equipe do Laboratório de Estudos e Projetos em Manejo Florestal - Lemaf, da UFLA, com a parceria de órgãos e instituições de referência no Estado.

Presentes também no evento o Deputado Federal Reginaldo Lopes e os Deputados Estaduais Fábio Cherem e Antônio Carlos Arantes. Cerca de quarenta prefeitos da região participam do seminário durante todo o dia. €



Rede Social do Café

Cooperativas e sindicatos afinam propostas e cobram solução emergencial para o café



Divulgação Deputado Carlos Melles

do Funcafé, retorno do programa de opção de venda ao Governo Federal e a liberação de um Pepro, para um volume de oito milhões de sacas com prêmio de R\$ 60,00 para preço de gatilho de R\$ 380,00.

O conjunto de medidas foi submetido a um número maior de produtores em Varginha, que decidiram cobrar medidas que julgam fundamentais para a recuperação e sustentação de renda do produtor.

Cooperativas de café e sindicatos de produtores rurais de MG reunidos na sede da Cooparaíso, em São Sebastião do Paraíso/MG, elaboraram uma pauta de medidas emergenciais que o setor apresentará oficialmente ao Governo Federal. Esse documento prevê a revisão do preço mínimo para R\$ 340,00 por saca, prorrogação dos créditos de estocagem concedidos às cooperativas, liberação imediata de uma linha de crédito de R\$ 900 milhões (o que equivale a cerca de 3 milhões de sacas) com recursos

Presentes ao encontro na sede da Cocamig, os presidentes da CNA, Breno Mesquita, e do CNC, Silas Brasileiro, assumiram o compromisso de formalizar as solicitações dos cafeicultores à presidente Dilma Rousseff, além de reuniões preparatórias visando o apoio político com o vice-presidente da República, Michel Temer, e com a ministra-chefe da Casa Civil, Gleisi Hoffmann. €

41

Propriedades saudáveis do café são discutidas em feira na Espanha

Apesar do café ser a segunda bebida mais consumida no mundo, ficando atrás somente da água, são muitos os falsos mitos que ainda prevalecem com relação a seus efeitos sobre a saúde. De fato, segundo diversas pesquisas, o consumo habitual e moderado de café pode fornecer benefícios para a saúde e fazer parte de uma dieta equilibrada. Para derrubar esses mitos e falar sobre as realidades dos efeitos do consumo moderado de café na saúde, especialistas de prestígio nacional participaram de uma mesa redonda do Madrid Fusión 2013, grande evento de gastronomia ocorrido no mês de janeiro, na Espanha.

Divulgação

Foram discutidos os benefícios do consumo moderado de café, entre eles, a redução do risco de desenvolvimento de diabetes do tipo 2 em 25%; os efeitos positivos no sistema digestivo; a menor incidência de doenças neuro-degenerativas, como Parkinson ou Alzheimer; a maior longevidade da população geral; além do café como um elemento socializador e fazer parte de uma dieta equilibrada.

Participaram do evento, a doutora em Medicina e Cirurgia e especialista em Endocrinologia e Nutrição, Pilar Riobó, o presidente da Fundação Espanhola do Coração, Leandro Plaza, e o presidente da Fundação Espanhola de Nutrição e professor de nutrição e bromatologia da Faculdade de Farmácia da Universidade CEU San Pablo, Gregorio Varela Moreiras, entre outros profissionais da área. €



Secretário de Agricultura empossa novo presidente da Emater-MG

Nova gestão acredita que a assistência técnica e a extensão rural são fundamentais para o desenvolvimento sustentável

O secretário de Agricultura de MG, Elmiro Nascimento, empossou o novo presidente da Empresa Técnica e de Extensão Rural do Estado de Minas Gerais (Emater-MG), José Ricardo Ramos Roseno, em solenidade com a presença de diversas autoridades, parlamentares, secretários de Estado, prefeitos de várias regiões de Minas e gerentes das unidades regionais da Emater-MG.

Segundo Roseno, engenheiro agrônomo, graduado pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, com pós-graduação pela Fundação Getúlio Vargas, “é preciso olhar para dentro da Emater-MG, reorganizar alguns processos e fortalecer a articulação com outros órgãos e entidades do Governo de Minas, sob a premissa do trabalho em rede e da gestão para a cidadania, empreendidas pelo governador Antonio Anastasia”. €



José Ricardo Ramos Roseno, novo presidente da Emater-MG, assina o livro durante a posse

42

Workshop de Consulta Pública UTZ Certified

Com o propósito de coletar opiniões dos membros pertencentes à cadeia do café para a construção do novo código, que será lançado em 2014, a Certificadora organizou em Pinhal/SP o Workshop de Consulta Pública UTZ Certified.

Grandes mudanças foram anunciadas nesse evento. A maior delas foi a alteração da estrutura do Código que, não mais será um único para cada cultura (café, cacau e chá), mas sim, um código genérico complementado por

anexos direcionados às peculiaridades de cada cultura trabalhada pela UTZ.

O evento, com cerca de 40 participantes (foto), contou com a presença de Aleyda Carrilo e Paul Schep, do departamento de Standards e Certificações da UTZ Certified e com Eduardo Sampaio, representante da certificação no Brasil, e ainda, da consultora alemã Kerstin Linne, que promoveu uma interessante e produtiva discussão sobre mudanças climáticas e como elas afetam a cultura cafeeira no Brasil. €



Arquivo CCCR



Greve de cafeicultores na Colômbia

43

O presidente da Colômbia, Juan Manuel Santos, enfrentou uma greve de protesto organizada por cafeicultores colombianos revoltados com as perdas causadas pela queda dos preços do café.

Milhares de cafeicultores colombianos bloquearam cinco rodovias e entraram em confronto com a polícia, impedindo a chegada dos grãos ao porto para cobrar apoio do governo após anos de problemas climáticos, doenças nas lavouras e câmbio valorizado. A mobilização sem precedentes provocou, inclusive, mortes de pacientes em Huila e Tolima pela impossibilidade de transportá-los pelas vias bloqueadas.

A paralisação não teve o apoio da Federação Nacional dos Cafeicultores da Colômbia (FNC), mas o Movimento pela Defesa e Dignidade Cafeeira, pediu medidas governamentais para solucionar a crise que afeta o setor há mais de um ano.

Cafeicultores da Colômbia, um dos maiores produtores de café do mundo, foram duramente atingidos por uma queda de 35% nos preços internacionais no ano passado e uma valorização de 10% do peso, moeda nacional.

A produção de café da Colômbia caiu 12% em 2011 e menos de 1% em 2012. No encerramento do ano passado, o país havia produzido 462 mil toneladas (7,7 milhões de sacas de 60 quilos).

Após 12 dias de greve e 30 horas de negociações, cafeicultores e o Governo alcançaram um acordo, determinando o preço mínimo da carga de café de 480 mil pesos (US\$ 266), mais 145.000 pesos (US\$ 80,4) de subsídio. Se o preço ficar menor que esse valor, o Governo acionará recursos adicionais. €



Rogério Bomfim

Revogação da IN 16

Comemorado pela cadeia produtiva do café o ato do Ministro Mendes Ribeiro anulando a Instrução Normativa MAPA nº 16, que estabelecia o Regulamento Técnico para o Café Torrado em Grão e Café Torrado e Moído, definindo o padrão oficial de classificação, com os requisitos de identidade e qualidade, a amostragem, e o processo de fiscalização pelo MAPA baseado em critérios subjetivos de análise sensorial. Além disso, a revogação da norma elimina o absurdo corporativo de que os Classificadores de Café, função tradicional e onde existem quadros da maior competência, tivessem de apresentar necessariamente formação acadêmica em Agronomia.

De acordo com a ABIC, a análise sensorial exigiria elevados investimentos em formação de laboratórios e técnicos treinados sem que se assegurassem resultados confiáveis. Para o presidente da ABIC, Takamitsu Sato, que lutou pela sua revogação, "a revogação da IN 16 representou o reconhecimento de sua impraticabilidade, e trouxe a liberdade ao consumidor de escolher o tipo de café preferido, sem prejuízo da regularidade do produto". Agora, a ABIC convocará o conjunto da cadeia para definir regras de autoregulação. €

Archimedes Coli Neto continua à frente da presidência do CCCMG



Luiz Valeriano / Assessoria de Comunicação CCCMG

O presidente do CCCMG, Archimedes Coli Neto, foi reconduzido por mais dois anos à frente da instituição tendo ao seu lado novamente, como vice-presidente, Carlos Antônio Paulino da Costa, presidente da Cooxupé.

Em seu discurso, Archimedes agradeceu a parceria e o envolvimento da Diretoria e enfatizou o trabalho a ser realizado neste novo biênio. "Foram dias de muito trabalho em prol da cafeicultura regional e estadual. Temos que dar prosseguimento nesta empreitada", ressaltou. €

Incaper e Nestlé discutem parceria no ES

Com o objetivo de estreitar as relações e, futuramente, firmar um termo de cooperação ou um protocolo de intenções para validar este acordo, o INCAPER e a empresa Nestlé se reuniram para discutir a produção de café no Espírito Santo. A ideia da parceria é mostrar que pesquisa e a extensão rural estão juntas na prática graças à atuação do INCAPER.

A parceria entre o Incaper e a Nestlé iniciou em 2011, para oferecer assistência técnica a produtores do município de Águia Branca que participaram do projeto Nescafé Plan. O projeto global envolvia o plantio, a produção e o consumo do Conilon Vitória, variedade desenvolvida pelo INCAPER. €

Assessoria de Comunicação / Incaper



ACS promove a 5ª edição da Semana do Jovem Empreendedor



Ozires Silva durante sua apresentação

Com o objetivo de estimular os universitários e alunos ao empreendedorismo por meio de palestras e mesas-redondas, a ACS Jovem organizou, em parceria com o Núcleo de Jovens Empreendedores do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo Ciesp, a 5ª Semana do Jovem Empreendedor. A ACS Jovem é um núcleo de jovens da Associação Comercial de Santos, fundado em julho de 2008, com a proposta de alavancar iniciativas empreendedoras,

Na cerimônia oficial de abertura, o reitor do Centro Universitário Monte Serrat (Unimonte), Ozires Silva, foi o convidado especial. Em sua explanação, destacou que “a inovação e o empreendedorismo caminham juntos. Nós sabemos que, quando fazemos a exposição de um tema, temos duas atitudes diversas: uma é expor o tema e a outra é trazer exemplos. Penso que o exemplo mostra muito mais”. Ronaldo Taboada, Diretor responsável pelo projeto, declara “sinto-me gratificado em poder interagir com os jovens sem interferir em suas decisões, apenas orientando-os e transmitindo os conhecimentos adquiridos ao longo de meu percurso de vida”. 



Divulgação ACS

Ronaldo Taboada e Márcio Calves, organizadores do evento

MECANIZAÇÃO AVANÇA NA COLHEITA DE CAFÉ



Arquivo CeCafé

O cafeicultor brasileiro está convencido de que a mecanização é condição cada vez mais essencial para se alcançar custos de produção viáveis e competitivos. Não há mais dúvidas de que o diferencial de custos que favorecia a cafeicultura nacional frente aos concorrentes em razão do sistema de derriça na colheita está esgotado, seja pela escassez crescente de mão-de-obra, seja pelos altos custos dos trabalhadores, além dos problemas de qualidade causados pelo método da derriça. As pesquisas realizadas no Consórcio liderado pela EMBRAPA, têm sido decisivas para dar soluções técnicas, tanto no que se refere à uniformização das floradas, como na tecnologia de produção.

Estimativas do mercado apontam para o crescimento do uso de colheitadeiras, que hoje já respondem, nos plantios de café arábica, por cerca de 10 milhões de sacas em cada safra, capaz de significar reduções nos custos de produção de até 40%. Existem também avanços na área de equipamentos destinados ao apanhe de cafés caídos ao chão e, José Braz Matiello, um dos maiores especialistas na questão, destaca também a expansão no uso de derriçadeiras costais, indicando que já representam algo em torno de meio milhão de sacas. 



46 Antônio Andrade assume o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

O deputado federal mineiro, Antônio Andrade, foi empossado Ministro da Agricultura pela presidente da República, Dilma Rousseff, assumindo a vaga de Mendes Ribeiro Filho, que deixou a pasta para cuidar de problema de saúde.

Na solenidade, o novo Ministro anunciou que entre as prioridades da gestão à frente da pasta estará o trabalho para aumentar a renda do trabalhador no campo e o fomento ao uso de tecnologias sustentáveis para os produtores rurais que abastecem o mercado interno.

Antônio Andrade ressaltou que dará ênfase no apoio à parcela de produtores rurais que não têm acesso à mecanização intensiva e cuja produção é voltada para o abastecimento do mercado interno. "Cito, por exemplo, o setor lácteo. O leite é um importante segmento que fixa o homem no campo", afirmou.

Ele enfatizou também a atenção voltada ao uso de novas tecnologias e normas que contemplem premissas de sustentabilidade, englobando aspectos econômicos, sociais e ambientais, para aumentar a produção de alimentos, gerar empregos e receitas e, ao mesmo tempo, preservar o meio ambiente e os recursos naturais.

"Também é possível melhorar a competitividade dos produtos agropecuários brasileiros na fase de

comercialização, processo muitas vezes comprometido devido à dificuldade de infraestrutura de transporte e armazenamento", explicou Andrade.

Para desenvolver ações em prol do crescimento do setor, o ministro aposta no apoio do cooperativismo, da pesquisa, da assistência técnica, da defesa agropecuária e da vigilância sanitária. "Indispensável também a dedicação e o trabalho de toda a equipe de gestores e técnicos do Ministério da Agricultura e órgãos vinculados, que sempre apresentaram um trabalho de alta qualidade e cujo empenho espero contar".

Antônio Eustáquio Andrade Ferreira é engenheiro civil graduado pela UFMG e produtor rural. Filiado ao PMDB desde 1987, sendo sua única filiação partidária desde o início da vida pública. Foi prefeito de Vazante (MG) e deputado estadual por três mandatos. Está no segundo mandato como deputado federal, do qual se licenciará para comandar o MAPA. 



Silas Brasileiro toma posse na Câmara dos Deputados

Silas Brasileiro, presidente executivo do CNC, assumiu uma das cadeiras da Câmara dos Deputados para o seu quarto mandato como Deputado Federal, ocupando a vaga aberta pela nomeação do deputado Antônio Andrade para o cargo de Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

Silas afirmou que continuará à frente do CNC, buscando aliar esse trabalho ao que pretende desenvolver ao integrar a Frente Parlamentar Mista em Defesa da Cafeicultura e a Comissão de Agricultura, Pecuária, Abastecimento e Desenvolvimento Rural (CAPADR) na Câmara Federal. €



Arquivo CeCafé

Ruy Baron / Valor Econômico

110ª Sessão do Conselho Internacional do Café

Durante a 110ª sessão do Conselho Internacional do Café, realizada na sede da OIC, em Londres, o Secretário de Agricultura de MG, Elmiro Nascimento, apresentou a proposta de estrutura que será oferecida aos delegados dos países membros da OIC para a reunião comemorativa aos 50 anos de fundação da OIC, que ocorrerá em Belo Horizonte, de 9 a 13 de setembro do ano corrente.

Além do Secretário Elmiro Nascimento, a comitiva brasileira foi composta pelos deputados estaduais Dilzon Melo, Tiago Ulisses e Juarez Távora, e o presidente da Federação da Agricultura de MG, Roberto Simões (foto). €



Arquivo CCCR

Pick-up movida a café bate recorde de velocidade para o modelo na Inglaterra



Divulgação

Um veículo construído por um engenheiro britânico e movido a resíduos do grão de café bateu um recorde do Guinness. Durante exibição para uma equipe de auditores do Guinness em um campo de aviação na cidade de Manchester, na Inglaterra, o carro atingiu a velocidade de 110km/h, um recorde para um modelo adaptado do tipo.

A pick-up da Ford de 1989 foi equipada com um sistema gaseificador que queima o material orgânico em alta temperatura, gerando gases combustíveis, como monóxido de carbono, hidrogênio e metano, que servem para alimentar um motor a combustão adaptado. €

Ações de Responsabilidade Social do CeCafé

CECAFÉ INAUGURA LABORATÓRIO DIGITAL



O CeCafé, em parceria com a Louis Dreyfus Commodities Agroindustrial S.A, inaugurou no dia 14 de dezembro de 2012 na ABASE – Aliança Brasileira de Assistência Social e Educacional, em Paraguaçu/MG, o 121º laboratório digital “Irmão Augusto”, proporcionando a inclusão digital de aproximadamente 250 alunos na faixa etária de 07 a 15 anos.

Foram doados dez computadores em rede, com acesso a internet, TV LCD, DVD, aparelho de ar condicionado, mobiliário de cadeiras e apostilas didáticas de apoio aos alunos.

Compondo a mesa diretora do evento: Ronaldo Taboada, do CeCafé, Paulo Leite, Murilo Souto e Daniel Kawashima, da Louis Dreyfus e o Irmão Augusto, homenageado da Sala Digital. 

48



Fotos: Araújo



A recente criação do Conselho Interministerial de Estoques Públicos de Alimentos (CIEP) soou estranha para o agro brasileiro, em especial, o produtor rural. A Sociedade Rural Brasileira avaliou a notícia do novo órgão como uma medida intervencionista acima da média do Governo Federal no mercado de commodities agrícolas, especialmente alimentos, com destaque para os mais variados grãos.

Os preços dos produtos agrícolas são definidos em bolsa, pelo mecanismo tradicional de oferta e demanda, bem como pela ação de investidores nos contratos agrícolas. Na dose certa, a participação sadia do especulador tem papel relevante para dar liquidez aos mercados. Mesmo produtos que não são fundamentalmente cotados em bolsas internacionais, como, por exemplo, arroz e feijão, têm suas cotações balizadas pelas regras de mercado.

Compreendemos que a eficiente gestão dos estoques públicos de alimentos não demanda um novo órgão, e sim uma boa e veloz governança sintonizada com a realidade do ambiente produtivo e do mercado consumidor. Nesta questão, decisões de caráter político vão de encontro ao bom senso lógico que prega critérios técnicos e rapidez para a manutenção eficaz do abastecimento e da segurança alimentar do País, e a correta administração dos excedentes exportáveis.

Uma ação acentuada direta do governo nos preços dos produtos agrícolas criará cotações artificiais, levando imprevisibilidade ao mercado, com efeitos perversos para toda a cadeia produtiva, trazendo riscos ao produtor, empresas e ao consumidor. A politização do mercado, e a consequente abdicação da análise técnica, é uma medida que não coaduna com o teor de uma política pública eficiente.

Conselho burocrático

O governo já conta com instrumentos e mecanismos de política agrícola, sob responsabilidade do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), para a boa administração dos estoques públicos, não precisando burocratizar a questão. Um novo órgão para o tema passa uma mensagem de enfraquecimento do MAPA, percepção que, aliás, se fortaleceu com a troca no comando do ministério.

A nomeação do deputado Antônio Andrade preocupa pelo caráter interino que o novo ministro tem. Andrade é um homem conhecedor das coisas do campo, produtor rural, integrante da Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA), mas é provável que concorra à reeleição em 2014, deixando a pasta vaga. A agenda do agro tem temas extremamente complexos que exigem alguém definitivo no cargo.

Fica a impressão que a pasta da Agricultura é tida como moeda de troca pelo governo, e não como um ministério que trata do setor que historicamente segura as contas do País, irradiando oportunidades, negócios, emprego e renda para a economia em geral.

Em 2012, as exportações do agro alcançaram US\$ 95,81 bilhões, gerando um superávit de US\$ 79,41 bi. Na prática, os embarques de produtos do agro compensaram o déficit de outros segmentos.

Certamente, problemas relacionados, por exemplo, à inflação em nada têm relação com a capacidade da produção agrícola brasileira. Muito pelo contrário, já que para este ano é aguardada a maior safra da história, estimada entre 183 milhões a 185 milhões de toneladas de grãos.

Um olhar mais atento e preciso a desafios de infraestrutura logística e seguro rural seria uma medida mais salutar para o País.

A despeito das subvenções estaduais e federais, do movimento de seguradoras e resseguradoras, o seguro não andou. O mesmo acontece na infraestrutura logística. Apesar de algumas obras, a situação é dramática. Estas são questões que atravancam o desenvolvimento do País, e que precisam [para ontem] de soluções viáveis e concretas. €

Cesário Ramalho da Silva - Presidente da Sociedade Rural Brasileira - www.srb.org.br